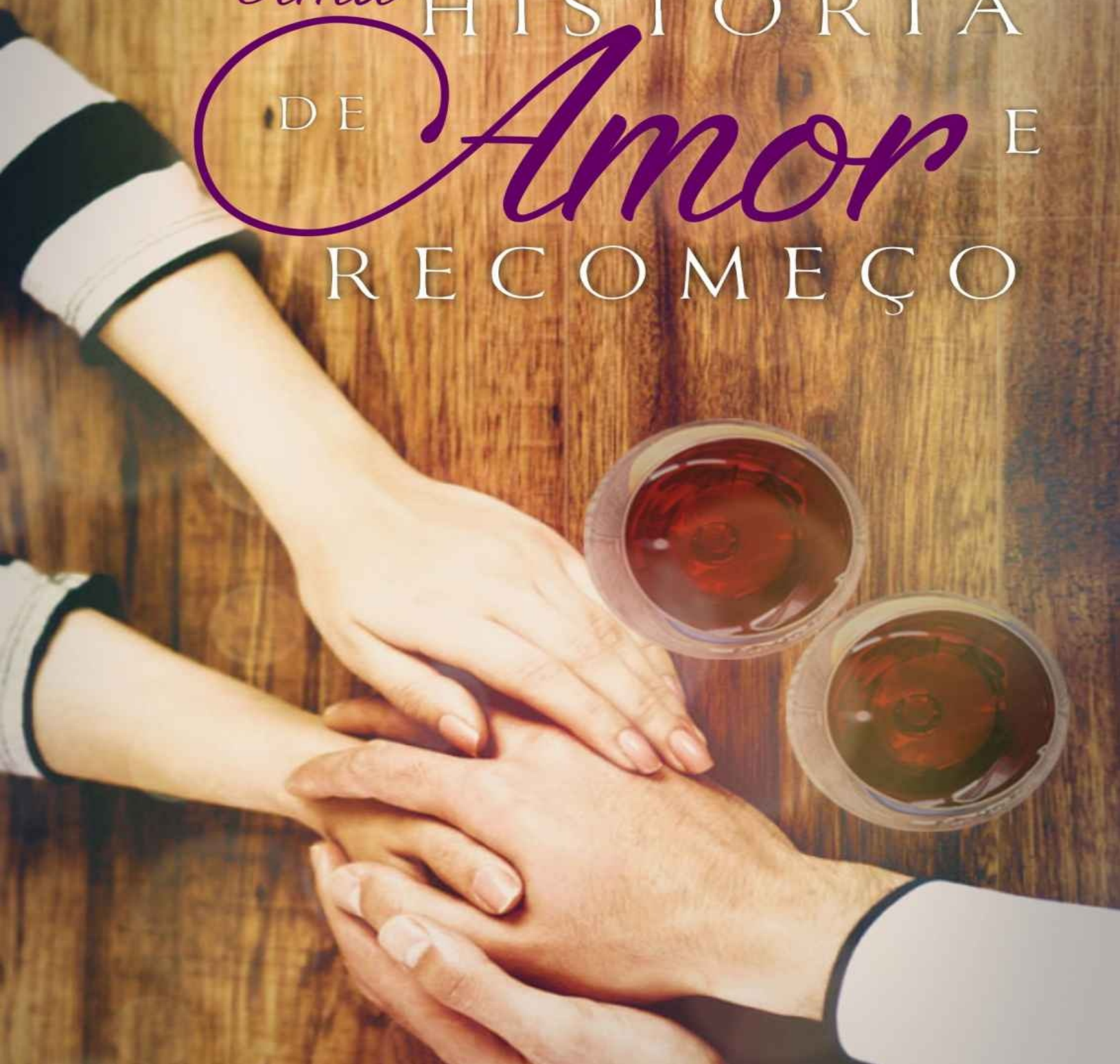


AGATHA FELIX

Uma HISTÓRIA
DE Amor E
RECOMEÇO





ÁGATHA FÉLIX

UMA HISTÓRIA DE AMOR E RECOMEÇO



Copyright © 2018 por Agatha Félix Todos os direitos reservados.

Arte de Capa: Décio Gomes

Diagramação: Luh Costa

Nenhuma parte desse livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem autorização por escrito dos autores.

Esta é uma obra de ficção, nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação dos autores. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Um conto em homenagem aos meus amigos, um que me emprestou seu lindo nome para meu personagem, e o outro por me surpreender desde a história de Ansel e Cecília.

Obrigada, Arthur.

Obrigada, Livingstone.

Capítulo Um

03 de novembro de 2017

A carta escrita pelo meu irmão queimava em minhas mãos. Mais de dez anos depois, um país de distância e aquela maldita carta ainda me incomodava. Estava sentado no escritório da fazenda observando aquele monte de papéis da empresa. Eu não gostava de ficar na fazenda por tanto tempo, eu aprendi a ser um homem urbano, sofisticado, dono do meu universo, mas seria hipócrita se dissesse que a vista das minhas parreiras, um bom livro, talvez música ambiente e vinho não me agradavam. Principalmente se puder desfrutar da companhia de alguma bela dama.

Elas adoravam essa coisa de história familiar e eu não economizava nas memórias dos meus avós, meus pais, as aventuras com meu tio nesta velha fazenda. Um lugar bucólico com um lindo quintal para festas grandes, uma velha árvore com balanço de pneu, cabana feita pelas nossas mãos onde brincávamos quando criança. Esse apelo maternal sempre funcionava nas minhas conquistas. Essas lembranças só me serviam para isso mesmo.

Olhando as fotografias nas paredes é quase impossível me reconhecer ali. O adolescente que entregou o coração a mais cruel das mulheres não existia mais. O garoto que venerava o irmão acima de tudo, que dividia planos de viajar pela América sobre duas rodas morreu junto com Luna Pérez. Ela não só destruiu um coração puro que a amava com devoção cega, como contaminou minha relação com meu irmão gêmeo.

Olhando para essa fotografia onde Luna com seu cabelo loiro e rebelde estava abraçada a mim e meu irmão, todos sujos de graxa após inúmeras tentativas de fazer a motocicleta do tio Martín funcionar nunca percebi que apenas Ansel não sorria de verdade. Neste mesmo dia ele tentou me fazer ouvi-lo sobre ela e me deu a carta, mas eu era um tolo valente e apaixonado e não ouvi o meu irmão, achava que ele queria me impedir de fugir para que no final das contas ele não tivesse que assumir a maldita empresa da família. Eu era um sonhador que planejava uma fuga perfeita para longe do escritório, um tolo apaixonado que planejava a noite perfeita de amor com a mulher mais perfeita do mundo.

Eu a amava.

Ela me amava.

O que deu errado?

O telefone tocou e eu joguei a carta dentro da gaveta, não sabia como

ela foi parar no meio dos documentos da vinícola.

— Arthur falando. – Respondi assim que atendi.

Era a advogada morena e muito sensual com quem eu estava tratando sobre um novo negócio. Além dos vinhos que produzia, decidi investir no ramo de hotelaria tanto no litoral quanto no campo. Transformar parte da vinícola em chalés e a casa grande em uma espécie de museu do vinho se mostrou tão lucrativo quanto o resort. Claro que, quando tudo isso acabasse convidaria Lucía para conhecer as delícias da culinária campestre e quem sabe um pouco de diversão a dois.

Assim que desliguei o telefone e fui até a cozinha onde Tereza, minha fiel e idosa cozinheira fazia sua mágica, me dei conta de algo. Seja lá como a carta foi parar no meio das minhas coisas do trabalho, estar aqui hoje vendo Tereza cozinhar cantarolando baixo me fez perceber que meu filho completaria treze anos.

Aquilo fez um gosto amargo subir até a boca.

— Que cara é essa? – Tereza perguntou sem desviar o olhar das panelas.

— Sabe que dia é hoje?

— Sou velha, não gagá. Hoje são três de novembro, há treze anos que aquela lá morreu e que você não fala com seu irmão.

Meu irmão há um tempo tenta reconciliação, desde que se casou com a brasileira e teve seu primeiro filho vem buscando uma reaproximação que não estou disposto ou preparado para ter.

— Ele continua telefonando? – sentei junto a mesa farta de guloseimas e quitutes caseiros de Tereza e fingi desinteresse na minha própria pergunta.

— Sim. Está preocupado com você, sente falta do irmão. Sabia que ele casou e está muito feliz? – perguntou dissimulada, ela mesma havia dado a notícia do casamento e da gravidez. – Sabia que Cecília, sua cunhada, está grávida novamente? Eles querem...

— Não me interessa o que Ansel e a mulher querem. Não quero vê-los, ou saber deles. Envio o cheque todo mês pertinente ao que lhe cabe. – Interferi na fala de Tereza.

— Saiba que ele sente sua falta e nós dois sabemos que a culpa do que aconteceu não foi dele. E quanto ao dinheiro ele está devolvendo, coloquei no banco em nome dos filhos dele.

Claro.

Espera... filhos? No plural?

Esqueça. Ele não faz mais parte da sua vida.

— Prepare tudo, meus convidados começarão a chegar a qualquer momento e eu preciso de tudo pronto. Arrume o quarto de hóspedes mais próximo ao quarto principal, providencie tudo que está na lista.

— Já fiz. Enquanto você brincava de chefe no escritório do seu avô mandei Euzébio comprar essas porcarias da sua lista.

— Que implicância com minhas amigas. – Provoquei a idosa com uma piscadela.

— São vagabundas isso sim! A última ficou aqui um mês querendo me fazer de escrava. Se quiser manter sua cama aquecida meu jovem Romeu, procure com o coração e não com a carteira e os documentos.

Tereza, uma linda mulher no auge dos seus setenta anos, quando ficava contrariada agitava a colher de pau enquanto cozinhava. Hábitos que nunca mudariam.

— Que documentos, Tereza? Eu não pago por minhas companhias e não dou carteirada para conseguir uma mulher. Está duvidando da minha capacidade de conquista? – me fiz de ofendido e isso só agitou ainda mais a mulher com sua colher de pau.

— Você sabe de que documentos estou falando seu menino atrevido. Esse aí que você guarda dentro da calça. Seu irmão era o que não se importava com os corações partidos das garotas que deixava para trás e você era o que o alertava sobre camas quentes e corações vazios. E olha só quem vive uma vida solitária e quem decidiu dar o coração nas mãos de uma boa moça.

— Não fale do que não sabe, Tereza. – Falei irritado. Eu dei meu coração a quem julguei merecê-lo e no fim ela queria o que todas queriam. Meu irmão.

— Eu vivi mais de quarenta anos antes de você nascer, não me venha com essa de eu não saber das coisas. Continue se iludindo, culpando seu irmão e vai acabar sozinho.

— Tenho você, não estarei sozinho.

— Não vou viver para sempre.

— Que delícia de vinho! – exclamou Lucía, a advogada.

Estávamos na área externa da casa grande. Quando meu irmão e eu éramos pequenos e vínhamos para cá no natal nosso avô fazia questão de acender uma fogueira, iluminava algumas parreiras com pisca-piscas e mandava colocar uma enorme mesa de madeira. Eram bons tempos aqueles.

— Obrigado, a fazenda Santa Fé depois que eu assumi definitivamente todos os negócios da família prosperou tanto que diferente da época do meu avô que apenas cultivava a uva para nosso vizinho produzir os vinhos somos agora nós quem produzimos todos os tipos de vinhos a partir dos nossos cultivos.

— E é por isso que estamos aqui – falou um dos fornecedores. – O seu progresso nos atraiu e a esse sucesso brindaremos. Todas as parcerias aqui firmadas só mostram que trabalho duro e competência unem aos que nasceram para ser grandes.

— Um brinde aos grandes! – Falei e todos os meus convidados bebemos e comemos depois de assinarmos os últimos contratos. Meu resort e minhas cabanas prosperariam, eu teria boas companhias e isso me bastava.

No final da reunião informal de negócios o único negócio que me interessava era seduzir a advogada e esquecer que hoje meu coração estava pesado de ressentimentos.

Ansel, Luna, a criança que nunca nasceu.

Chega!

Olhei para a morena que me olhava de volta cheia de desejos. Ela até poderia disfarçar a volúpia dos demais, nunca de mim. A teria em minha cama e seria inesquecível.

Para ela.

Capítulo Dois

— Senhor Arthur Mastroiani? – Ouvi minha secretária ao celular. Minha cama ainda estava preenchida pela minha acompanhante da noite passada. Uma noite pouco satisfatória para mim.

Ou não existia a tal química entre nós ou eu não conseguia sentir nada mais íntimo ou profundo por ninguém desde Luna. Isso era frustrante.

— Algum problema com o resort? – Já disparei preocupado afastando aquele pensamento da mente.

— Na verdade, tudo bem para a inauguração senhor. Telefonei porque a corretora entrou em contato informando que a fazenda Esperanza finalmente foi reclamada pelo herdeiro. Enviei por e-mail o telefone de contato fornecido pela corretora. Faça sua proposta diretamente ao novo proprietário.

— Obrigado. – Desliguei e chequei meu e-mail logo em seguida. Enviei uma mensagem com meus contatos para o meu vizinho anônimo. Estive esperando por muito tempo para comprar a fazenda Esperanza.

— Volta a dormir, Artie. – Choramingou a mulher. – Precisamos repetir a noite passada e se estiver trabalhando tão cedo ficará cansado.

Sério isso? Artie? Cansado?

— Querida, adorei nossos momentos ontem, mas houve um problema. Coisa familiar, sabe? – menti.

— Algo grave?

Sim, você ainda está aqui.

— Nada que eu não possa resolver se me dedicar a resolvê-lo ainda hoje. Eu sinto muito mesmo, gostaria de mais tempo com você. Posso te ligar?

Não ilude a mulher, Arthur...

— Claro, mas se precisar de ajuda com esse problema estarei aqui.

— Não, tudo bem. Agradeço. Quer que eu te leve ao hotel?

E foi assim que nunca mais vi aquela advogada.

Já passava do meio dia quando meu vizinho, a quem ainda se mantinha anônimo finalmente entrou no restaurante onde havíamos marcado nossa reunião. Ao lado do homem de terno estava a mulher mais debochada, encenqueira e que ganhou minha antipatia gratuita desde o primeiro momento que nos vimos.

Eu me lembrava exatamente que estava no acostamento completamente irritado com meu carro novo. Se era novo não deveria dar defeito, principalmente

se o tirei da concessionária havia 7 dias. Desde que sai da minha primeira reunião com os fornecedores do meu resort eu estava enfrentando um trânsito caótico com um carro que estava ficando sem forças e essa mulher numa Harley-Davidson querendo me cortar na estrada. Ela era bem insistente e impaciente. E como num passe de mágica o carro morreu me obrigando a encostar a margem da via.

“Ajuda?”

“Tenho cara de quem pede ajuda para pessoas desconhecidas ou mulheres?”

Ela desceu da motocicleta que fez questão de estacionar do outro lado da pista. Esperou uns carros passarem velozes antes de atravessar a via e se debruçar sobre minha janela.

“Que cruel”. – Fez cara de ofendida. – “Não tem problema pedir ajuda seu babaca machista. Aproveita a oferta, sou ótima mecânica.”

“Meu carro tem seguro, serviço ao qual já solicitei apoio. Então, siga seu caminho barbeira.”

“Não sou barbeira, você é que não é cortês suficiente no trânsito para permitir que uma simples viajante ultrapasse seu carro novo, porém inútil.”

Gargalhei da ousadia da forasteira. Uma mulher numa moto no meio da estrada saberia mais do meu carro do que eu mesmo? Só no mundo dela.

“Façamos um acordo.” – Sugeriu.

“Estou ouvindo”. – Sorriu se debruçando ainda mais na minha janela.

“Olhe meu veículo, diga qual o problema e conserte. Te pagarei o preço que pedir.

Caso contrário, desapareça! Não tenho paciência para gente oferecida.”

Ela sorriu diabolicamente prendendo os cachos num coque fajuto, abriu a porta do meu carro e me encarou.

“Vai sair sozinho ou precisa de ajuda?” Desci do veículo com as chaves na mão.

“Se tentar roubar meu carro lembre-se de que ele tem seguro e um bloqueador

via satélite e sua motocicleta está bem ali. Vou atrás de você.” – Sorri.

A garota me ignorou, deu partida no carro que apenas roncou. Abriu o capô do veículo, mexeu numa coisa e noutra. A mulher foi até o próprio veículo voltando em seguida com algum tipo de suporte, um galão. Mexeu em alguma coisa na traseira do carro e me mandou assumir o volante.

“Dê partida.”

Contrariado, obedeci.

O traidor simplesmente funcionou. O carro despertou para vida.

“O que diabos você fez?”

“Na minha terra isso se chama colocar combustível. Carros não fazem fotossíntese para se locomover. De nada.”

Eu não sabia o que mais me irritava: a presunção ou o fato de que fui idiota por cometer o mais idiota dos erros – não abastecer o carro. Ela fechou o capô e rebolando foi embora até a motocicleta.

“Não me deve nada, vizinho.”

“Fizemos um trato.”

“Tenha um bom dia.”

Fez uma reverência e com isto partiu para o lado oposto do meu caminho.

A mulher olhou diretamente para mim e balançou a cabeça em negativa achando graça do meu mau humor já escancarado. O que um homem de terno fazia com uma mulher sem eira e nem beira? O homem seguiu para a esquerda e a mulher veio direto em minha direção.

Não gostei disso, eles não estavam juntos.

— Devo dizer que a vida gosta de pregar peças ou é muita coincidência estarmos aqui e agora?

— O que faz aqui? Estou esperando alguém para uma reunião.

Ela torceu o nariz e deu aquele riso debochado que eu odiava.

— Se a pessoa que espera encontrar para tratar sobre a venda da minha fazenda for um homem... Pois é, tratará comigo e, portanto, sua espera acabou. – Ela disse curvando-se com uma leve reverência.

— Não pode ser você. – Falei incrédulo e contrariado.

— Deixe-me adivinhar... Não pode ser eu porque sou mulher ou porque não sou homem?

— Muito engraçado. – Sorri igualmente cínico. – Podemos? – não esperei que respondesse ou se sentasse. – Dentro deste envelope tem a proposta financeira para que me venda a fazenda falida da sua família. É pegar ou largar.

— Eu largo. – A diaba aventureira respondeu sorrindo.

— Não vai nem olhar a proposta? – Fiquei preocupado.

— Não.

— Por que não?

— Porque você é um ogro e eu não lido com ogros, só com pessoas por

mais sem educação ou senso que eles sejam.

Bufei internamente, não poderia perder esse negócio.

— Ok, me desculpe. Por favor, senhorita... bem, não sei seu nome ainda, poderia ler minha proposta para iniciarmos nossa reunião? Posso pedir que gentilmente sente-se – puxei a cadeira como um cavalheiro e lhe estendi a mão. Ela aceitou a minha oferta e sentou com o envelope em mãos. – Podemos continuar, por favor?

— Claro. – Ela sorriu e dessa vez foi um sorriso doce. Não falso, verdadeiramente doce.

Louca.

— Meu nome é Valentina Córdoba, antes de qualquer coisa e isso você já deveria saber. – Pegou o menu e correu seus olhos pelo encarte. – Vamos de vinho ou sugere outra coisa? Realmente gostaria de beber algo.

Enquanto Valentina conversava com o nosso garçom eu pude olhá-la bem. Apesar do jeans surrado, das botas de guerra e camisa do *Aerosmith* ela era uma mulher bonita, olhos cor de avelã, cabelos ondulados presos num rabo de cavalo bem feito. O castanho do cabelo combinava com a pele bronzeada pelas horas de estrada naquela motocicleta velha e o sorriso lhe conferia uma mistura de delicadeza e também deboche. Dependia de como ela usava essa arma. Esse conjunto de características disparou um alerta para mim, apesar de não se parecerem fisicamente era perigoso estar perto dela.

Perto o suficiente para despertar algo familiar, intenso.

— Acho que ele não se opõe, pode trazer. – Ouvi sua voz falando e então percebi que estava a encarando grosseiramente. – Está tudo certo aí, senhor esqueci de pôr gasolina no carro?

— O que? Nada, sigamos com a reunião. – Mudei o rumo da conversa. – Preciso unir a sua fazenda a minha, suas terras não produzem nada há mais de trinta anos e o valor que estou disposto a pagar cobre as dívidas que você precisa quitar e ainda sobra para investir no que quiser.

Ela foleava as páginas da proposta com cautela, então olhou para mim.

— E o coração, onde fica?

— Como é? Acho que não entendi sua pergunta.

— O coração, senhor... – ela leu meu nome nos papéis e tornou a falar. – Senhor Mastroiani, vejam só como está tão maduro e formal agora. – Ela sorriu. – Meus avós viveram daquelas terras por anos, seus avós e os meus eram parceiros comerciais. Existia gentileza e cooperação mútua entre eles. Aquele lugar é o meu favorito no mundo todo, vivi minha infância e adolescência ali. Bem, ali e no bar do Martín quando me mudei para Montevideú. Não acho que

esteja pronta para me desfazer da única coisa que minha família me deixou. É tudo sobre amor, vida e novas chances para um recomeço, estou buscando meu novo ponto de partida. E você? Onde está seu recomeço? Se bem te conheço não está onde queria estar. Em que põe o coração? Só falou em dinheiro e não foi nada sutil. É esse tipo de homem agora?

Nossa comida foi servida naquele mesmo instante e eu nem me lembro de ter pedido nada. Quando o garçom saiu ela saboreou um gole do seu vinho.

O que me irritou, ela me provocava e saía por cima.

— Adoro o que você faz. — Ela disse quando eu não consegui articular nenhuma palavra e eu pisquei. O que? — O vinho.

Ah.

Mulher louca.

Pare de encarar a mulher.

— Você não se lembra mesmo de mim, não é? Mudei tanto assim?

A gente se conhecia? Porque me falou aquilo tudo mexendo em feridas antigas.

— Desculpa, fiquei um pouco desnorteado agora. Do que você falava? Aliás, quando a gente mudou de assunto?

Ela me encarou franzindo a testa.

— Está bem? — Ela então pegou na minha mão e apertou. Estava preocupada. — Podemos ir embora se preferir, não me parece bem.

Foi o jeito dela de enrolar as ondulações do cabelo na ponta do dedo e na forma como pegou a minha mão preocupada com meu súbito ataque de seja lá o que deu em mim que me despertou uma memória antiga. Nas festas de Natal e nos feriados ensolarados aqui na casa dos meus avós existia uma garota que brincava conosco. Seria ela a queridinha da minha família e protegida do meu irmão?

— Nós brincávamos quando crianças?

— Sim, mas eu era muito mais próxima ao seu irmão. Você sempre se manteve mais afastado quando brincávamos pelos parreirais, então começamos a crescer e você só tinha olhos para a novata. Como era mesmo o nome daquela loira meio vulgar? Laura? Luna? Enfim, meus pais e eu nos mudamos para Espanha e só voltamos quando meus avós morreram. Você e o Ansel passaram a andar de motocicleta por aí pegando geral e nem perceberam a minha volta. Virei uma andarilha depois disso, só voltei por causa das coisas da fazenda que precisam urgentemente da minha atenção.

— Você foi a primeira a me trocar pelo meu irmão, só mais uma na lista. — Falei mais alto que o pretendido.

— Desculpa, eu fiz o quê? Você realmente está me assustando. Vamos

fazer o seguinte, vamos almoçar, conversar sobre coisas aleatórias. Vou levar sua proposta para o hotel e prometo ler com carinho. Você está me assustando com essa cara.

— Quando terei minha resposta, senhorita Córdoba? — Tornei a comandar minhas emoções. Eu odiava quando minha mente divagava desse jeito.

— Breve. — Ela ergueu sua taça e brindou.

Me sentindo carregado fui até o cemitério local com um buquê nas mãos. Nem sei porque me dei ao trabalho de ir até o túmulo de Luna e ainda com as suas flores favoritas.

A lápide estava suja e malcuidada assim como os demais túmulos, mas o dela parecia pior. Os pais de Luna Pérez mudaram-se para Argentina logo após o sepultamento e duvido que tenham algum zelo pelo local onde estão os restos mortais dela. Talvez por eu me sentir culpado pela nossa briga mesmo que eu tivesse sido vítima dela me sentia na obrigação de cuidar desse lugar, afinal, eu amei aquela mulher.

— Treze anos, hein? Teria me deixado conhecer a criança, Luna? Eu tento, juro que tento não te culpar por tudo. Fico imaginando se você tivesse sido honesta comigo hoje estaríamos aqui. Talvez eu fosse pai ou talvez tio e ser tio não seria meu pior castigo, talvez fosse. Nunca vamos saber, não é?

De longe um idoso leva flores a um túmulo florido, provavelmente um novo viúvo trazendo flores para sua amada esposa e isso me fez rir. O homem tinha idade para ser meu avô e trazia flores para sua amada, eu trazia flores porque uma pessoa do meu passado reacendeu ainda mais minhas lembranças de pouco mais de uma década atrás. Eu trazia flores por culpa, raiva, pena, não só dela. De mim.

Lembranças do fatídico dia me assaltaram naquele instante e isso só comprimiu ainda mais meu peito. A dor sempre iria me consumir.

“Ela é boa demais para aquele cara”

“É um babaca, nem imagina com quantos já saiu.”

Eu estava ajudando ao tio Martín no bar durante o fim de semana, uns caras que nunca vi estava fumando atrás do bar na hora que fui jogar o lixo fora. Quando me viram começaram a rir.

“Frangote.” — Um deles disse e voltou a gargalhar.

“Falou comigo?” — perguntei enfezado. — *“Porque se falou é bom se retratar seu merdinha.”*

“Olha, ele acha que pode contra nós.” — O outro rebateu se

empertigando. – “Agora volte para barra da saia do titio e deixe os homens fazerem coisas de homem.”

“Oh, então vocês são homens? Dois bêbados drogados, isso sim é o que são.”

“Uh, ele resolve tudo no diálogo. Não sabe nem ter uma briga de verdade.”

“E nem comer a própria mulher!”

A explosão de gargalhadas foi constrangedora.

“Se soubesse ela não cairia na cama de qualquer um a todo momento.”

“Arthur!” – meu tio apareceu com um taco de baseball na mão. “Para dentro, aqui eu resolvo.”

“Arthur, chega. Eu não gosto dessa sua namorada. Você é meu irmão e tem que me ouvir.” – Ansel parecia nervoso, andava de um lado a outro. – “Termine com ela.” Meu irmão estava agitado e me abraçou. Foi nosso último abraço.

— Boa noite, Tereza. – Cumprimentei minha cozinheira com um beijo na testa.

— Quer comer menino? – Ofereceu.

— Não, obrigado. Vou tomar um banho e dormir.

— Dia ruim?

— Memórias ruins eu diria, boa noite.

Mal consegui dormir naquela noite. Não tanto pelo atrapalhado almoço com Valentina, apesar do nosso reencontro no trânsito semanas antes e hoje no restaurante não terem ido muito bem. Ela poderia dizer não a venda das terras da fazenda falida da sua família pelo simples fato de eu ter sido rude com ela e bem frio em relação a como conduzi a reunião. Mas o que mais me incomodou foram as memórias que surgiram durante meu sono.

Luna estava em tudo.

Era nesta cidade onde Luna estava enterrada. Valentina nos conhecia e me fazia lembrar de quem eu era e o que fazia meu coração acelerar, meu irmão ainda tentava se reaproximar. Aprendi a ser um homem diferente, mais frio, mais controlado e essa avalanche de memórias do meu passado estava me desestabilizando. Eu precisava relaxar a mente e para isso nada melhor que

caminhar pelas minhas instalações e pela propriedade.

Focar em mais trabalho tinha me ajudado até aqui.

Assim que o dia raiou, vesti roupas apropriadas de montaria, selei meu cavalo e cavalguei por onde minha visão encontrasse terra para pisar. Passava das dez da manhã quando fui até minhas instalações.

— Patrão. — Cumprimentou meu enólogo assim que me viu.

— Como vai Antônio?

Enquanto andávamos ele me forneceu cinco garrafas dos nossos novos vinhos para experimentar antes de lançarmos no mercado. Sentado sob a sombra de uma árvore antiga comecei a provar e quanto mais provava, mais memórias de treze anos atrás me assombravam.

“Eu não tive culpa! Eu juro, fiz tudo o que pude para salvá-la!” Uma taça.

“Amo você, quando estou com ele é em você que eu penso. Quando ele me toca, na minha cabeça é você quem me toca, Ansel. E já que você não me ama preciso que outros homens me façam esquecer que não tenho você.” Cinco taças.

“Eu nunca te trairia irmão. Sempre te falei para não confiar nela! Nunca deixaria uma mulher entre nós, nunca colocaria na minha cama uma mulher que é sua.” *“Não acredito em vocês dois!”* Duas garrafas.

“Luna, acorda pelo amor de Deus!” — Gritei desesperado estapeando seu rosto

pálido. O carro de tio Martín já estava no fundo do lago, minha motocicleta jogada no chão de barro. Meu coração batia tão frenético, tão assustado vendo-a inconsciente por tanto tempo.

“Eu não trago boas notícias, ela infelizmente não sobreviveu, sinto muito. O que o jovem rapaz é da moça?”

“Namorado” — Solucei inconformado.

“Então sinto duplamente sua perda. A jovem estava grávida, você sabia?” Última garrafa.

Eu era um miserável, um maldito atormentado. Bêbado, sai tropeçando nos próprios pés até chegar em casa. Entrei pelos fundos e encontrei Tereza gargalhando e com ela Valentina. Ela estava linda, corada pelo vinho. Na verdade, ela era simples e naturalmente linda e isso era perigoso.

— O que está acontecendo aqui? — solucei e tropecei até cair sentado de qualquer jeito na cadeira. — Quem te convidou? Porque está com minha foto nas mãos?

— Que educação é essa, Arthur? — Tereza me beliscou.

— Ai mulher, não sou mais um moleque!

— E, no entanto, está se comportando como um. Peça desculpas a moça.

Olhei para a minha cozinheira e vi duas delas.

— Vou deixar vocês conversando, boa noite. — Tereza saiu devagar e sumiu, mas não sem antes me lançar um olhar reprovador.

— Estamos bem? — ela me perguntou colocando a foto sobre a mesa.

Soquei a mesa com raiva vendo Luna na minha frente.

— O que você quer de mim Luna? Me enganar outra vez? Deitar na cama do meu irmão e sem sucesso me procurar como prêmio de consolação?

— Ai essa doeu, mas eu não sou ela. — Ela pegou minha mão e apertou mesmo estando assustada com a minha agressividade. — Eu sou a Valentina.

— Desculpe, dia ruim.

Seu toque não deveria me acalmar. Era bom sentir qualquer coisa de novo.

— Todo mundo tem seus demônios, Arthur.

Peguei a foto do meu irmão e minha e encarei a nos dois ali, felizes, cúmplices.

— Sinto falta de Ansel. É idiota eu dizer que gostaria de ter a vida que ele tem agora: esposa, filhos, longe de um escritório?

— Não. Não é.

Num impulso acariciei a mão que me amparava e beijei o dorso.

— Preciso de férias. — Soltei sua mão, e cambaleante fui até o balcão onde peguei uma caneca e me servi de mais vinho sob os atentos olhares da minha vizinha.

— Porque acho que você precisa desabafar, hein?

— Tão astuta. — Zombei.

— Posso ouvir. Sei por exemplo dessa mágoa entre você e o Ansel. Tire férias e vá atrás do seu irmão, seja lá a diferença entre vocês nada deveria separar uma família.

— Está tudo rodando. — Reclamei.

— Vá dormir então, amanhã eu voltarei e a gente fala sobre a venda da fazenda.

— Você não vai pilotar sozinha seja lá onde estiver hospedada. Me ajude a não cair, está legal? Depois você escolhe um quarto de hóspede e dorme lá.

Ofereci a mão e ela aceitou com aquele sorriso de deboche que eu

odeio, mas hoje não me importava. Joguei meu braço ao redor do pescoço dela que me segurou como pode.

— Quanto você bebeu hoje? – Ela gargalhou tropeçando comigo nos degraus da escada.

— Você é cheirosa.

— Nossa, é com essa cantada que pega as mulheres por aí?

Quando chegamos no quarto me joguei na cama ainda usando meus acessórios de montaria. Minha ex-colega de infância caiu comigo e gargalhou achando divertido meu estado deplorável.

— Deixa eu abrir a janela para que o ar fresco entre. – Ela se foi e ficou vendo a lua prateada sobre as parreiras.

Tão linda.

— Posso desabafar também? – Ela perguntou sem me olhar. Qual o problema dela?

Eu estava ali. A gente poderia transar para afogar as mágoas.

Ela me ignorou.

— Depois de tudo? Claro. – Deixa para lá, ela não ligava para mim.

Eu precisava ficar acordado. Não podia culpá-la por causa da outra.

— A fazenda dos meus avós está precisando de muitos reparos e dinheiro não tenho, Arthur. Meu sonho era mesmo poder restaurar a fazenda e o nome da família, ter um lar.

Te entendo...

— Você tem um irmão vivo, vá atrás dele. Nunca se desfaça dessa fazenda por mais velha e sem atrativos que um dia venha a estar, tente juntar as peças do quebra-cabeça que é a sua vida e vá ser feliz. Eu daria tudo para ter um parente, eu não passaria tanto tempo viajando pelo mundo.

Sem perceber eu já estava a um passo daquela mulher, tão linda.

— Posso te abraçar?

A motociclista debochada se inclinou para me olhar e assentiu. Me surpreendi com aquele abraço singelo. Era como um compartilhamento de dores e anseios. Não ficou pesado suportar aquele fardo, nem para mim e nem para ela.

— Olhos avelã, posso pedir desculpas pelas minhas grosserias?

— Tudo bem, eu não guardo mágoa de ninguém muito menos de alguém a quem sempre quis tão bem desde pequena. – Valentina beijou meu rosto de forma tão casta que me desconcertou.

— Vou embora, boa noite.

Ela se afastou e antes de passar pela porta falei.

— Não vá. Pegue uma camisa minha, escolha um quarto e fique. Vou ficar mais tranquilo em saber que está segura aqui comigo.

— Boa noite, Arthur.

Capítulo Três

O cheiro que vinha através da minha janela era um bálsamo. Café fresco e pães recém-assados no forno vinham da cozinha, o cheiro de terra molhada, com certeza, foi da chuva discreta que caiu ao amanhecer.

Levantei meio embriagado mais de sono do que pelo álcool. Tirei minha roupa de montaria e tomei o banho mais restaurador que pude deixando a impureza de Luna escapar dos meus poros diretamente para o ralo. Eu precisava deixá-la ir.

— Espera. — Falei para mim mesmo. — Ontem à noite foi um sonho?

Valentina era real?

Corri para me vestir e bater no quarto de hóspedes mais próximo. Lembranças do beijo casto, das vezes que segurou a minha mão para me acalmar, mas principalmente porque me lembrei da garota que brincava com meu irmão que sempre me olhava com admiração. Meu irmão sempre me disse que ela me amava com aquele tipo de amor de infância e era por isso que eu me mantinha afastado. Eu já queria outra pessoa naquela época.

— Você está aí? — Bati forte na porta. Ela abriu a porta sonolenta e era a imagem mais perfeita da minha manhã.

— Era você não era? Quem escreveu as letras V e A na árvore perto da cerca. Era você o tempo todo?

— Oi. — Ela disse meio tímida, o rosto corado. — Finalmente me notou motoqueiro selvagem. — Sorriu.

Não esperei o convite e entrei no seu quarto fechando a porta atrás de mim desorientado.

— Está me assustando, Arthur.

Assustando? Eu parado como um poste aturdido estava a assustando?

— Desculpe. É que voltar a ter algum sentimento verdadeiro é estranho para quem parou de se importar há tanto tempo. A noite de ontem aconteceu? Quero dizer, brigamos como sempre, nos abrimos um com o outro e eu pedi para você ficar? E você ficou!

Valentina sorriu e confirmou.

— Seus sentimentos só estão adormecidos, Arthur. Você está magoado, um pouco solitário. Sou sua amiga se quiser, pode ser abrir comigo e dividir o fardo.

— Eu queria ser livre como você é agora. — Admiti. — Talvez eu fosse mais leve.

— E eu queria que olhasse para mim e planejasse comigo o que planejou com ela.

Foi por isso que aprendi a amar a vida sobre rodas. Você me deu um pouco de liberdade.

Ri sem humor.

— E deixei que me tirassem a minha.

— E agora, o que faremos? – Ela perguntou me encarando curiosa e divertida. – Chorar pelo leite derramado é burrice.

— Se eu comprar sua fazenda você vai embora e eu não vou ter quem me chame de machista, idiota, nem quem me diga que estive errado ou que sou um tolo por deixar minha única família longe.

— Então o que propõe? – Valentina balançou o corpo sobre os próprios pés para frente e para trás como uma criança pequena ansiosa e eu sorri por dentro. Tão pueril para uma grande pequena mulher.

— Vou fazer o mesmo pedido da noite passada. Fique.

— E a fazenda? Significa muito para mim, mas sabe que não posso mantê-la.

— Vamos dar um jeito, amiga.

Valentina se aproximou e me beijou no rosto do mesmo jeito da noite passada. Dessa vez foi um pouco demorado, diferente. Sempre que me tocava algo em mim voltava a sentir, algo de ruim se estilhaçava, algo de bom se regenerava.

— Obrigada.

— Eu não vou poder me conter.

— O quê?

— Preciso beijar você e saber que não sou o único a se sentir assim.

Dei um passo a frente e segurei sua nuca enredando seus cachos no punho. Ela fechou os olhos e ofegante esperou pelo beijo que demorei a dar. E falhei.

— Não consegue, não é? Está confuso e ainda bêbado. Eu não sou prêmio de consolação, Arthur.

— Desculpe. – Pedi soltando-a do meu enlace. – Não quero que se sinta obrigada a nada, nem a vender ou ter uma aventura comigo. Tem razão, você não prêmio de consolação e precisamos estabelecer uma amizade aqui.

— Posso ser sua sócia ou sua parceira comercial – Valentina sorriu com deboche.

— Odeio seu sorriso debochado.

— Odeia nada. — Ela piscou o olho para mim.
E estava certa, eu não odiava.

Capítulo Quatro

Deixei Valentina sozinha, dei muito no que pensar com meu surto. Eu tinha muito no que pensar, sempre que precisava voltar aqui eu surtava de algum jeito. Provavelmente o estresse, a ansiedade e principalmente a falta de uma noite proveitosa e prazerosa com uma mulher que aquecesse o coração.

Mas o fato aqui era: eu estava impulsionado pela mágoa e frustração do passado e para esquecer esse peso quase ataquei a mulher com quem pretendo ter relações puramente comerciais pelo simples fato de que ela pertenceu ao meu passado, porque ela apesar de ser amiga do meu irmão preferia a mim, e definitivamente o fato daquela mulher com olhos cor de avelã ser sexy sobre duas rodas e ser debochada.

Espera!

Eu a odiava até ontem antes dela se oferecer para ser minha amiga.

— Preciso transar até a exaustão. — Soprei irritado enquanto me servia de um café forte.

— Falando sozinho filho?

Tereza andou devagar quase se arrastando até a mesa e se sentou também se servindo.

— Desculpe. Cabeça cheia.

— Você quis dizer ressaca. — Ela zombou e fomos interrompidos por uma Valentina com perfume de flores campestres e cabelos úmidos do banho.

— Bom dia. — Ela disse.

— Bom dia. — Respondemos. Quase não consegui olhar nos olhos dela.

— Tem bolo, café, pães, geleia querida, basta se servir. — Minha adorável cozinheira indicou os itens na mesa.

— Tudo bem, já abusei da hospitalidade de vocês. Vou para o hotel e mais tarde telefono para gente conversar sobre meios de nós dois termos o que desejamos.

— Tem certeza? Fique. — Lá estava eu pedindo mais uma vez que ela ficasse. — Você tem me ajudado mais do que eu a você. É justo que além de hospedagem eu lhe dê o café da manhã, não quero que pense que sou um péssimo anfitrião.

Valentina deu um sorriso gentil e sentou conosco, um pouco tímida no começo.

Tereza balançava a cabeça como se percebesse que algo estava estranho, algo entre nós.

— O patrão foi educado com você menina? Depois que eu sai? Deu para conversarem sobre essas coisas de trabalho?

— Ah... hum, mais ou menos. – Valentina respondeu mordiscando sua fatia de bolo.

— E eu me desculpei, Tereza. Agora pare de nos constranger.

— Obrigada pela refeição. – Valentina agradeceu montando na sua motocicleta.

Por vários instantes eu esqueci dela, eu só tinha olhos para a Harley. Pude vislumbrar minha adolescência ao lado do meu irmão e do nosso tio Martin, ele nos ensinou a pilotar essas máquinas, era divertido passar horas na garagem consertando a “Lola”.

— Já vi esse brilho no olhar antes. – Valentina estalou os dedos diante do meu rosto. – Está reconhecendo ela?

— Reconhecendo quem? – Respondi encarando minha vizinha.

— Lola.

Sem chance!

— Que? Está de sacanagem comigo? Essa não pode ser a Lola de tio Martin!

— Claro que pode. Martin me deu de presente, me ensinou a dirigir, me ensinou tudo o que sei sobre mecânica.

Meus olhos deveriam mesmo brilhar.

— A quanto tempo aquele rapaz livre e aventureiro está preso? – Perguntou referindo-se ao tipo de cara que eu costumava ser.

— Ele morreu.

— Junto com a Luna? Sem chance. Ele está na minha frente pedindo para sair agora mesmo e dar uma voltinha, sabe? Para sentir a adrenalina circular pelo corpo. – Valentina colocou as chaves na minha mão. – Volte a viver.

— Tem certeza? E se eu arranhar a sua motocicleta? Talvez eu nem saiba como pilotar essa coisa.

— Amigo, isso é como respirar. Como andar de bicicleta, não tem como esquecer.

Relutante subi e fiz o motor roncar, sentia meus dedos formigando de expectativas.

Ofereci a mão para ela subir na minha garupa.

— Quando quiser chefe. – Ela disse segurando-me pela cintura com

tanta força e algo mais. Não era medo, era outra coisa.

Será mesmo que ela sempre me amou quando éramos crianças? Será que ainda sente algo real por mim?

— Vamos lá.

Fiz a Lola ganhar ritmo pela fazenda, pilotar ainda era fácil e fazia parte de mim. Então porque me neguei esse prazer? Porque me neguei preservar o homem que eu era no homem que eu fui me tornando? A risada de Valentina foi me despertando para a paisagem ao nosso redor, estávamos numa pista velha e reta e eu nem percebi quando saímos da fazenda e seguimos para a cidade velha.

Valentina e eu estávamos no limite máximo da motocicleta e ríamos juntos e era bom tê-la tão colada em mim.

Era bom ser livre.

Chegando ao limite da cidade fiz o retorno até a fazenda Esperança. Desliguei o motor da Lola e Valentina desceu da minha garupa com o sorriso maior do mundo e o meu sorriso imitou o dela.

— Isso foi incrível.

— Sempre que quiser, a Lola estará à disposição.

Valentina estava com o cabelo bagunçado pelo vento e nem isso diminuiu a beleza dela. Pelo contrário, dava a ela um ar selvagem que contrastava com as avelãs dos olhos e o castanho dos cabelos ou com o sorriso de agora. Não era debochado, era de felicidade e pueril.

— Obrigado.

Assim que desci da motocicleta indiquei que ela fosse adiante e entrasse na fazenda da família.

— Por que me trouxe aqui?

— Você se importa com esse lugar.

— Mais do que você possa imaginar. Dói só de pensar que vou vender para você destruir esta casa que foi o meu lar, mas eu não tenho como pagar as dívidas.

— Venda apenas as terras, fique com a casa grande. Posso mudar o contrato de compra e venda, ajustar com o engenheiro e o arquiteto a planta dos chalés. Se me vender suas terras eu farei com que nada te atrapalhe aqui na casa grande.

— Porque está sendo legal comigo? – Valentina perguntou ao se sentar nos degraus de acesso à varanda da casa.

— É o mínimo que posso fazer. – Por você ter sido legal quando não mereci. – Todos ganham, pense nisso como uma transação comercial amiga.

— Então eu aceito vender as terras.

— Um belo acordo. – Estendi a mão para selar o contrato, Valentina apertou de volta e deu um suspiro. – Quer almoçar?

Ela chegou o relógio de pulso e se espantou com as horas.

— Estou morta de fome, agora entendi o motivo.

— Volto já.

Subi novamente em Lola e dei partida na motocicleta, voei baixo até a fazenda Santa Fé. Entrei pela cozinha e me deparei com Tereza pronta para ir embora.

— Menino! Quer matar esta velha de susto?

— Você vai viver para sempre, eu já te disse. – Beijei-lhe o rosto enrugado. – Agora me ajude a levar um pouco de comida para mim.

— Levar comida? Para onde vai?

— Fazenda Esperanza, Valentina e eu entramos num acordo e ela venderá. Assim que assinarmos a papelada eu volto para Montevideu para a grande inauguração do resort.

— E a menina como fica? E a reforma que quer fazer aqui?

— Tenho empregados para isso, Tereza. Não vou desamparar você ou ela, tudo continua como está. Só vou aparecer por aqui quando as obras estiverem adiantadas.

— Eu pensei que... sei lá, esqueça essa velha esperançosa. Vou fazer uma cesta de comidas para você.

Corri até um barracão onde meu avô guardava ferramentas e peguei tudo o que achei que fosse necessário, coloquei tudo numa bolsa de viagem e me certifiquei de guardar tudo no baú de couro que existia na motocicleta. Voltei para Tereza e peguei as vasilhas com nossos almoços, talheres, copos e uma garrafa de vinho.

— Obrigado, Tereza.

— Cuide-se, Arthur. Não viverei para sempre.

— Valentina?

Entre na casa e o piso rangeu. Havia marcas de cupins por todos os lados e muita poeira. As janelas e portas estavam abertas agora, um ou outro móvel coberto por lençóis encardidos estavam espalhados pelos cômodos.

— Estou na cozinha. – Ela gritou.

— Muito trabalho para fazer, hein? – Surpreendi a mulher sentada no balcão também de madeira no meio da cozinha.

— Sim, e o que trouxe para comermos?

— Tecnicamente não faço a menor ideia, Tereza fez os pratos.

Coloquei as vasilhas no balcão, os talheres e o vinho, sentei no balcão assim como ela tinha feito e nos servi de vinho branco.

— Um brinde a minha vizinha debochada, porém amiga. Obrigado por não me fazer sofrer para comprar sua fazenda. — Ergui meu copo.

— Um brinde a meu vizinho machista, assombrado e babaca, porém amigo. Obrigada por ter tido consideração com meus sentimentos por esta casa. — Ela ergueu seu copo tocando no meu.

Ofereci o salmão ao molho de maracujá e batatas e começamos a comer relembrando coisas bobas da nossa infância. Foi leve, foi divertido até meu celular tocar.

Lucía.

Pela minha cara Valentina percebeu que se tratava de uma outra mulher e eu não queria mais fazê-la se sentir mal.

— Coisa do escritório de Montevideú. — Menti e sai da cozinha. — Arthur falando.

— Oi Artie, não me ligou desde nossa festinha particular e eu gostaria de repetir a dose antes de voltar ao trabalho.

— Então, lembra aquele problema família? Ainda estou resolvendo, mas te ligo assim que voltar ao resort. Pode ser?

Não se iluda mulher, pelo amor de Deus!

Detesto mulher pegajosa.

Voltei para cozinha e Valentina limpava nossa bagunça, estava séria.

— Está triste?

— Pensativa. Preciso procurar um emprego mais fixo, não dá para viver como freelance o tempo todo. — Se mentiui, fez perfeitamente bem.

— Entendo. Hoje não é dia de melancolia, você me fez sorrir outra vez. Pensei que não pilotaria mais e hoje eu fiz isso, nos acertamos quanto a fazenda e estamos agindo como amigos. Deixemos o trabalho e as responsabilidades fora destas paredes só por hoje, trouxe ferramentas para consertar algumas janelas. Faça uma lista do que precisa.

Enquanto consertávamos o que era possível e listávamos as necessidades de reparo fomos bebendo o vinho aos risos. Era tão bom ter com quem dividir um sorriso ou um problema.

Valentina. Eu deveria tê-la notado antes de Luna.

— Posso perguntar o que exatamente aconteceu entre você e Ansel?

— Luna aconteceu.

Valentina parou de martelar e me encarou esperando por mais.

— Descobri que ela transava com todos, no calor do momento quando a confrontei, Luna roubou o carro de tio Martín e fugiu da discussão. Eu corri atrás dela na motocicleta e vi quando ela sobrou na curva e caiu num lago profundo.

— Meu Deus, foi assim que ela morreu?

— Sim, eu a resgatei ainda com vida, mas foi tarde demais e o médico que nos atendeu no hospital lamentou a perda da mãe e do bebê.

— Jesus! – Valentina cobriu a boca, seus olhos arregalados. – Eu lamento sua perda. Não sabia que ela estava grávida de um filho seu.

Sorri com amargura.

— Esse é o problema, Valentina. Não saber quem é o pai, poderia ser de qualquer um inclusive do meu irmão e é por isso que não consigo falar com ele.

Meu corpo sempre ficava trêmulo quando lembrava disso, atenta as minhas emoções ela veio até mim e me abraçou para me consolar.

— Não sabia.

Tudo bem, você é que menos tem culpa nisso.

— Parte de mim sabe que ele não tem culpa, ele a odiava e me mandou terminar com ela várias vezes. Só que para mim é doloroso acreditar na inocência dele quando eu sabia que ele era mulherengo naquela época, quando eu vi Luna usando apenas sutiã e calça jeans em cima dele, se oferecendo, dizendo que pensava nele quando eu a tocava. Imagine ouvir da mulher que você ama que ela precisava transar com homens mais experientes para esquecer a rejeição do meu irmão.

Valentina tremia também, acho que chorava em silêncio sentindo a minha dor.

— Por isso você se tornou nesse ogro, mas eu estou aqui agora. Quero ser sua amiga.

Mas você me amava como uma mulher ama um homem.

— Como poderemos ser só amigos se eu tenho essa carência física e emocional e você... bem, segundo meu irmão...

— O que seu irmão te contou?

— Que você me amava desde a infância.

— Nada mudou, Arthur. Só aprendi que você nunca me amaria, então eu fui viver a minha vida. Mas, vamos focar no que importa – Ela me apertou e não contive o impulso de cheirar seus cabelos ondulados. Tinha cheiro de morango. –

Você ama seu irmão?

Não respondi com palavras, apertei seu corpo duas vezes para que ela soubesse que a resposta era sim.

— Telefone para ele e façam as pazes. Não deixe o fantasma da Luna destruir sua relação com seu irmão. — Ela me beijou no rosto e se afastou. — Acho melhor irmos embora.

— Desculpe. Desculpe não ter te dado importância antes, por não te amado.

Ela sorriu sem graça e eu não gostei, preferia o riso debochado. Toquei em seus lábios e moldei um sorriso a lá coringa. Valentina mordeu meu dedo e isso me fez despertar para o momento. Eu queria estar com ela, estar dentro dela, mas pelos motivos certos e não por carência ou pena. Ela avaliou a mordida e deu de ombros se desculpando, no segundo seguinte eu a tinha escarranchada na minha cintura respirando com tanta dificuldade quanto eu. Nossos lábios buscando e nunca encontrando, seus dedos castigando meu cabelo, minhas mãos apertando, sentindo.

— Só um beijo. — Ela pediu. — Sem culpa, sem cobrança, só hoje.

— E amanhã?

— Amanhã seremos os amigos que prometemos que seríamos, mas hoje eu quero ser sua mulher.

Carreguei Valentina sem nunca desviar os olhos dela, coloquei seu corpo sobre o balcão onde almoçamos no começo da tarde e trouxe seu corpo ainda mais para o meu. Sem pressa alguma tirei sua camisa, beijei o canto da sua boca. Tirei seu sutiã e beijei seus seios pequenos e redondos, ela arfou. Tirei sua calça jeans e deitei seu corpo no balcão.

— Sem culpa?

— Sem culpa.

Beijei sua boca com delicadeza no começo, queria prová-la e sentir o gosto do vinho na sua língua, mas a resposta que recebi dela foi algo mais passional, algo mais íntimo. Beijá-la daquela forma foi o contato mais profundo, íntimo, sedutor e completo que tive em anos.

— Mãos acima da cabeça e não se mova. — Ordenei. De olhos fechados ela obedeceu permitindo que seu corpo e suas emoções tomassem conta daquilo.

Peguei o que sobrou do vinho e banhei seu corpo, Valentina gemeu baixo se contorcendo quando sentiu meus lábios provando dos seus seios, instintivamente abriu as pernas e me convidou a entrar. Continuei explorando seu corpo com boca e língua até encontrar o tecido que lhe cobria. Retirei a calcinha com uma lentidão torturante, absorvendo, desejando. Tirei a minha calça com tudo

me expondo.

— Olhe para mim, Valentina. — Ela obedeceu.

Derramei mais vinho a ponto de escorrer até o meio. Deixei minha língua falar por mim quando a provei, Valentina segurou minha mão e entrelaçou nossos dedos enquanto eu ia mais fundo sentindo o sabor do meu vinho e a essência de Valentina. Era uma droga completamente viciante, a energia que vibrava nela ressoava em mim. Castiguei seu corpo como merecia, com carinho, com luxúria, Valentina vibrou, deu pequenos gritos, gemeu, girou os quadris contra meu rosto e se libertou de um jeito afobado.

— Isso foi maravilhoso, Arthur. — Trazendo seu corpo suado para mim novamente voltamos a nos beijar, a mão nada boba de Valentina me encontrou e com a delicadeza que me beijava me castigava firmemente com o seu movimento sobre meu corpo. — Esperei tanto por esse momento.

— Só vamos aproveitar... — hum gemi quando me apertou e ficamos ali, nos observando arfar enquanto nos tocávamos. Ela desceu do balcão e se inclinou sobre ele usando as mãos como suporte. — O que está fazendo?

— Só vem.

Beijei seu ombro, sua nuca, seus lábios e lentamente me encaixei nela, deixei que ela ditasse o quanto aguentaria, até onde eu poderia ir.

— Isso... assim... — Gemeu e rebolou os quadris me recebendo. Não contive minha voz, minhas emoções quando começamos a ir e vir juntos. Sem pressa, sem vulgaridade.

O balanço dos seus seios, nossos corpos se chocando, eu poderia fazer mil brincadeiras e daria prazer, sentiria prazer, mas não queria que se sentisse usada e abusada. Isso não iria se repetir amanhã. Voltamos a brincar com nossas línguas enquanto eu ia fundo dentro do seu corpo, minha mão livre aproveitou para estimular. Valentina me sugava de todas as formas, boca, corpo, seus dedos sobre os meus sobre sua feminilidade e então um grito meio chorado, muito satisfeito de um segundo orgasmo que lhe proporcionei.

Seu sorriso fez tudo valer a pena.

— Você é maravilhosa. — Ofeguei abraçando-a. — Olha para mim, te machuquei?

— Não me machucou. — Ela respondeu com o corpo tremendo junto ao meu também trêmulo.

— Precisamos sentar. — Brinquei. Cambaleantes fomos até uma poltrona velha

perto da janela.

Vimos o pôr do sol ali, calados, colados, curando as pequenas e

grandes feridas em silêncio e cochilamos. No melhor do meu sono senti uma mão me tocando no rosto, abri os olhos e vi Valentina me fitando com uma fome voraz nos olhos avelã.

— O que foi? – Cochichei.

— Ainda tenho tempo, a noite não acabou e eu quero mais.

Me mexi na poltrona e entendi o que ela queria dizer, percebi que estava me tocando no lugar certo dessa vez. De joelhos no chão, ela me fez ver estrelas apenas por me tocar e quando fiquei pronto para ela, Valentina nos encaixou. Ela, mais uma vez, de costas para mim. Seu corpo encostou-se no meu me dando a visão privilegiada dos seus seios com acesso rápido das minhas mãos sobre eles, de olhos fechados deixei que ela me usasse. Valentina subiu e desceu, me tocou enquanto me usava ao seu prazer e quando gozamos – juntos – ela se encolheu nos meus braços até que dormiu e eu fiquei ali, tentando não me sentir culpado por usá-la para curar minha solidão e talvez com isso alimentando a ilusão de amor que sente por mim.

— Durma bem. Pelas próximas horas estamos seguros aqui. – Valentina se aconchegou ainda mais e não demonstrou nenhum sinal que pudesse estar acordada.

Capítulo Cinco

Assim que amanheceu deixei Valentina na poltrona e procurei por uma torneira ou chuveiro com água corrente – coisa que eu duvidava existir naquela casa. Depois te conseguir me refrescar como deu na cozinha vesti minhas roupas.

Nunca me senti tão estranho depois de uma noite casual e eu estava me sentindo péssimo por, com certeza, magoar a mulher na sala ao lado. Peguei o meu celular e enviei um e-mail para minha equipe, eles precisavam modificar o contrato de compra e venda da fazenda Esperanza e meu engenheiro precisava estudar novamente o terreno para modificar a planta dos chalés.

— Bom dia. – Valentina me assustou ao se aproximar.

Amiga. Lembre-se disso Arthur.

— Bom dia.

— Tem água fraca na torneira da pia – Indiquei. – Não é o melhor banho, mas é o que tem.

— Está. – Ela se encolheu dentro do lençol sujo que cobria a poltrona.

— Vou te deixar ter seu momento e te espero lá fora para irmos. – Sorri educado, essa coisa estava ficando estranha demais.

Ela assentiu ainda tímida, estava visivelmente constrangida. Saí para fechar as janelas e recolher as vasilhas de Tereza, quando Valentina apareceu na sala já ostentava o sorriso debochado de volta.

— Estou louca para um banho de verdade e de um bom par de horas na minha cama.

Indiquei a motocicleta e seguimos pela estrada até Santa Fé, apesar do silêncio desconfortável da viagem e do pós sexo ao qual jamais poderíamos citar foi tranquilo pilotar, era bom tê-la agarrada em mim como se dependesse, como se gostasse de estar ali. Ainda era muito bom sentir o sol no rosto, o vento batendo de frente enquanto a motocicleta deslizava pela autoestrada. Assim que passamos pelas porteiras da minha fazenda avistamos a casa grande ao longe. Tereza já estava varrendo e limpando a entrada da minha casa grande. Paramos a moto e descemos. Tereza nos olhou com um sorrisinho arteiro.

— Bom dia crianças, tem café da manhã na mesa e posso providenciar algo mais se precisarem? – Tereza lançou aquele olhar e sorrisos de quem diz “crianças tolas que não enxergam o mesmo que eu”. Detestava quando ela dava uma de cúvido.

— Ah eu preciso ir para o hotel, tenho que resolver umas coisas.

— Tudo bem então. – Tereza saiu com sua vassoura cantarolando.

— Bem, eu preciso tomar um banho e aguardar minha equipe. Assim que tiver em mãos os documentos selamos o acordo e faço o seu depósito.

— Sim, senhor chefe. – Prestou continência e partiu.

Entrei na casa e corri para meu quarto onde demorei no banho de banheira. Era uma banheira bem rústica no meio do quarto, mas era o suficiente para mim naquele momento. Para as coisas não ficarem mais estranhas com minha vizinha eu precisava voltar o quanto antes para Montevideú. Praticamente adormeci na banheira e só percebi que meu corpo havia relaxado de uma noite tensa de sexo praticamente em pé na cozinha e um cochilo apertado numa poltrona porque meu telefone tocou em cima da cama.

Me enrolei na toalha e atendi sem ver o nome no visor.

— Arthur falando.

— Arthur meu irmão, sou eu. – Meu estômago afundou. – Sei que você não quer aproximação nem nada, mas eu realmente preciso falar com você.

— Quem te deu meu número? Foi Tereza?

— Foi e não brigue com ela.

— O que quer? – Falei sério, porém com o tom de voz baixo.

— Quero me acertar com você, quero também que conheça minha família, quero que venha conhecer minhas cafeterias. Sei que nosso pai tentou fazer o lance do café funcionar, apesar de ser óbvio que as uvas eram o lance da família. Mas, acho que ele ficaria orgulhoso de ver como as coisas fluem bem para mim e infinitamente melhor para você aí.

Não respondi, não sabia o que falar.

— Eu não quero passar mais um aniversário longe do meu irmão, eu preciso que ele conheça minha mulher e meus filhos. Já chega dessa merda toda, entendeu? Eu estou precisando do meu irmão.

Pela primeira vez pude notar algo além de saudade na voz de Ansel e não era o sotaque estranho com que ele falava.

— O que houve?

Quis saber preocupado com a oscilação na voz do meu irmão.

— Cecília está com um probleminha e não gosto de vê-la triste. Só de pensar que nossa gravidez corre risco eu fico de cabelo branco.

— É muito grave? Precisa de dinheiro para tratá-la? Posso fazer um cheque.

— Não quero seu cheque, quero dividir meus problemas com meu irmão.

Silêncio.

— Podemos ser como antes? – Ele perguntou.

— Preciso desligar, Ansel. Se sua esposa precisar de ajuda médica me deixe saber.

Desliguei sem cerimônia. Muitas emoções para processar e muito trabalho precisando da minha atenção.

— Então ficamos acertados assim. – Falava com o dono do bistrô que contratei para servi no coquetel de inauguração. Escolhemos os pratos de entrada, os drinks, o prato principal por telefone. – Até mais, nos vemos em quinze dias.

Quinze dias até a grande inauguração.

Checando meu e-mail vá pude verificar a nova planta dos chalés e o novo contrato. Prontamente enviei uma mensagem te texto para minha vizinha informando sobre o novo contrato. E amante de uma noite só.

A melhor noite em anos.

Sem cobranças, sem culpa, só duas pessoas com um passado em comum querendo afogar mágoas.

Abri a minha gaveta e encarei a carta de Ansel. Eu podia reviver aqueles momentos outra vez só de tocar naquele papel amarelado. Praticamente todos os personagens ganharam vida diante dos meus olhos ali.

Uruguai, 17/01/2005, 16 anos

“Estou te falando, ela é a mulher da minha vida!”

Estávamos na garagem do bar do tio Martín. Ele era considerado a ovelha negra da família. Meu avô era dono de uma fazenda e lá ele produzia uvas para produção de vinho da fazenda vizinha. – Valentina – Meu avô preparou meu pai e meu tio para assumirem os negócios, meu pai assumiu a responsabilidade imposta. Tio Martín não. Assim como nem eu e nem Ansel iríamos assumir o trabalho que não queríamos fazer.

Ansel e eu éramos como tio Martín. Espíritos livres. Nossa vida era sexo, drogas e Rock & Roll. Ou quase isso. Acampávamos na praia e bebíamos até cairmos no chão de tanto rir de nossa embriaguez, gostávamos da atenção das garotas e repelíamos quem não nos chamasse a atenção de volta – Valentina. Ouvíamos histórias sobre aventuras na estrada, mulheres, confusões com a polícia, a moral e os bons costumes. Queríamos ser como ele assim como todos os nossos amigos também queriam. Mas tudo mudou quando a conheci. Luna passou a ser meu tudo desde que veio morar próximo de nós ainda muito nova, meu coração, meu espírito, meu prazer. Tudo era dela.

“Você só pode estar louco se acha que vou aceitar incluir uma mulher nos nossos planos, Arthur!”

“Qual o problema de ela vir conosco? Ela virá na minha garupa e não na sua, sou eu que vou bancar as despesas dela.”

Ansel jogou o que sobrou do seu cigarro no chão e pisou mais forte do que o necessário para apagar o fogo já extinto.

“Está deixando uma desconhecida ficar entre nós, esses são nossos planos. É coisa entre irmãos, Arthur. Eu ouvi coisas sobre ela e não acho uma boa até saber com quem estamos lidando.”

“Falando assim parece que ela é uma criminosa.”

“Sabe de uma coisa, Arthur? Se faz tanta questão de levá-la faça você sozinho essa viagem.”

Irritados como estávamos o melhor que fizemos foi cada um seguir seu rumo. Jamais deixaria a mulher mais linda, extrovertida, aventureira e que me amava para trás por causa de uma viagem de motocicleta com meu irmão.

Zangado, fechei a garagem e fui até o bar. A festa estava só no começo, Ansel já estava com uma garota no colo. Os rapazes bebiam e jogavam dardos, um grupo de garotas da escola chegaram juntas e começaram a dançar no meio do salão. Mas, meus olhos eram apenas da Luna.

“Olha quem chegou.” – Ela falou e tragou em seguida o seu cigarro.

“O seu homem chegou.” – Falei beijando-a.

“Você ainda é um garoto.” – Ela respondeu me abraçando.

“Esse garoto aqui sabe fazer umas coisas bem legais no quarto.”

Ela riu alto e me beijou sem nenhum pingo de decência. Praticamente demos um

show explícito de vulgaridade.

“Pelo amor de Deus, vocês dois! Vão para um quarto.” – Tio Martín salpicou água gelada em nós. – “Já não basta tantos de menores aqui bebendo escondido? Preciso realmente ter nos ombros a responsabilidade de uma gravidez não planejada sob meu teto?”

Luna era mais velha um ou dois anos, bastante experiente e isso não me incomodava, eu não fui o primeiro dela e planejava ser o último. Eu não era nenhum santo antes dela, mas, mesmo assim, ela foi a minha primeira e seria a única.

“Seu irmão me odeia, né? Olha como me encara.” – Ela falou e mostrou Ansel nos fuzilando.

“As vezes, só as vezes eu...” – eu não conseguia nem completar meu raciocínio. Estava começando a acreditar que Ansel estava com ciúmes da minha garota. Ele a queria e não suportava a ideia de ela não corresponder porque me ama.

“Esqueça”. – Ela falou. – “Vamos, pegue a motocicleta. Vamos para algum lugar beber e transar.”

O bar era escuro, piso e paredes de madeira, mesa de bilhar, alvos em todas as paredes, um jukebox tocando Johnny Cash e antes que pudesse ter me levantado para ir embora com Luna, Ansel me olhou magoado.

Afastando aquela noite da minha cabeça, os personagens sumiram como fumaça.

Meu celular tocou e lá estava a mensagem minha nova velha amiga:

“Assinamos amanhã? :p”

“Ok.”

Respondi e voltei para meu quarto, a fome já havia passado de qualquer forma.

Agora eu precisava fazer as malas para amanhã voltar para casa.

Capítulo Seis

Por volta das 10h30 fui surpreendido pela presença de Valentina ao lado de um dos peões que veio me trazer um recado do administrador da fazenda, estava vestida com um short jeans curto demais, botas de caubói e uma camiseta, nem parecia que era uma época fria do ano.

Sua roupa não me incomodava, mas ver o meu empregado salivando nela sim.

— Posso entrar?

— Por favor. — Apontei para a cadeira diante da minha mesa de escritório. Recebi o envelope do peão e o dispensei com um olhar duro.

— Espero não estar muito adiantada para nossa reunião. — Falou observando as fotografias nas paredes do escritório do meu avô. — Quantas lembranças.

— Vamos direto ao ponto, tudo bem? — Pedi tentando não soar rude.

— Calma, Arthur. Não quis ofender e sim vamos direto ao ponto. — Valentina fechou o cenho e estendeu a mão para que lhe entregasse os papéis.

— Tereza será nossa testemunha. — Avisei e sai para buscar minha cozinheira, quando voltei Valentina estava encarando a janela. — Se está com frio pode fechar as janelas.

Ela deu um sobressalto ao ser surpreendida.

— Bom dia menina. — Tereza sorriu.

— Bom dia, Tereza. — Finalmente pude ver o sorriso doce de Valentina.

Fizemos a leitura do contrato, discutimos meu projeto de expansão e como aquilo não afetaria a casa grande Esperanza. Valentina sorriu agradecida por eu ter cumprido minha parte do trato, ela assinou, eu assinei, Tereza assinou nosso acordo, transferi para a conta pessoal da minha vizinha o valor combinado e logo Tereza nos deixou a sós.

— Agora que acabamos posso perguntar o motivo do mau humor? Sou sua amiga se lembra? Confie em mim.

Ela me encarava como se houvesse uma segunda cabeça saindo do meu pescoço. Na verdade, eu nem sabia que bicho tinha me mordido. Talvez fosse a ligação do meu irmão, talvez eu só fosse um idiota mesmo.

— Realmente não está com frio? É quase Natal.

Que mudança de assunto.

— Ok, estou com um pouco de frio, porém vou trabalhar na casa velha,

vou suar e preciso estar com roupas mais leves. Além do mais, quem se importa com a roupa que eu uso? Com certeza não você.

Satisfeito idiota?

— Precisa de ajuda? – Perguntei.

— Vai me ajudar?

Ela parecia animada com a possibilidade de eu ajudá-la.

— Eu... – Fui salvo da pergunta de Valentina pelo telefone que tocava, porém quem me salvaria de uma amante qualquer enchendo a paciência? – Arthur falando. Oi, Laura.

Vi quando Valentina saiu, ela não era burra e sabia que se tratava de alguma aventura minha. Onde ficou a parte do nosso acordo que dizia “sem cobrança”?

Corri até ela e segurei pelo punho, logo meus dedos entrelaçaram os dela, nossos olhos sem nunca desviar.

— Desliga. – Ela mandou e eu obedeci. – Prometeu sermos amigos e sinto que estamos fazendo isso errado. Não posso ter ciúmes dos seus casos, não posso te obrigar a confiar em mim para contar mais dos seus segredos. É melhor eu ir e quando for seguro de novo poderemos nos ver.

— Acha que estamos correndo antes de engatinhar?

— Bem por aí.

— Desculpe pela grosseria, Ansel me telefonou e depois vi como meu empregado te olhou. Não gostei. Não pense bobagens, eu não estou me apaixonando. Eu gostei muito da forma como ficamos. Desde Luna eu não me sentia emocionalmente ligado a nenhuma mulher mesmo que fosse uma aventura de uma noite só e se eu dissesse que um dia foi suficiente e que não quero repetir, mentiria. Mas, você merece respeito, merece mais do que ser meu prêmio de consolação, merece mais.

— Mais o que? – Questionou firme.

— Mais carinho na cama por exemplo. – Respondi. – Fiquei martelando porque raios não pude olhar nos seus olhos enquanto transávamos. Você ficou de costas as duas vezes e eu me senti te usando e eu não sou homem de usar as mulheres. Posso até ser rude, mas jamais trataria uma mulher como objeto.

— Vou responder a sua pergunta, Arthur. Eu não poderia olhar nos seus olhos enquanto estávamos ligados carnalmente porque era apenas aquilo, sexo. Se estivéssemos fazendo amor e você me olhasse nos olhos seria o meu fim, você sempre terá o fantasma dela com você. Simplesmente não consegue viver sem a lembrança de Luna. E você tem razão, eu mereço mais.

— O que sugere que façamos? – Perguntei.

— Faça as pazes com seu irmão e mande lembranças minhas a ele.

— Falei sobre nós, Valentina. O que nós devemos fazer?

— Viva com seu fantasma e eu vou seguir a minha vida.

Valentina ficou na ponta dos pés e me beijou no rosto, com sempre fazia, mas algo estava estranho naquele beijo. Parecia uma despedida.

Andei de um lado a outro por quase uma hora, não sabia se deveria ligar para ela ou deixá-la em paz. Comecei a andar pelos parreirais iluminados pelo candeeiro que eu usava e foi então que decidi quebrar essa barreira com Ansel. Voltei para o pátio onde tantas vezes minha família se reuniu e então disquei para o número do meu irmão.

— Arthur? – Meu irmão perguntou com a voz enrolada.

— Te acordei?

— Acabei dormindo na papelada do trabalho, mal prego os olhos por causa de Cecília. O que houve? Parece angustiado.

— Treze anos é tempo demais para dois irmãos ficarem brigados. Você precisa de mim e eu de você.

— Então porque não vem até aqui conhecer a Cecília e o Andrés? Poderia me ajudar a escolher os nomes das gêmeas.

Lá estava eu com cara de babaca esperando Ansel aparecer no aeroporto. Eu mal podia crer que estava no Brasil e não em Montevideu cuidando da minha rede de hotelaria.

Quando estava a um passo de pegar o táxi e ir para o endereço no meu GPS o idiota apareceu. Jeans velho, camisa de alguma banda ou filme idiota, coturnos, o cabelo bagunçado e comprido, o sorriso de barrocas que minha mãe adorava estampado como sempre. Com podemos ter a mesma cara e ser tão diferentes?

— Se não fossemos idênticos eu diria que você é o Christian Grey. – Ele chegou dizendo.

— Quem merda é Christian Grey?

— Um babaca de um livro que se veste como você e que deve ser um pegador de primeira, afinal sou constantemente rejeitado pela minha mulher quando ela está lendo aquilo.

— E como sabe que eu pareço com ele? – Perguntei realmente curioso.

— Sei lá, Cecília vive falando que eu deveria ser um pouco mais como

ele. Pelo menos no trabalho deveria me vestir melhor. – Ele parou e deu seu riso costumeiro. – Essa conversa ficou tão esquisita?

— Nisso concordamos, principalmente porque sua preocupação está na roupa que o tal veste e não no fato dele povoar a imaginação sexual da sua mulher. – Debochei.

Sem esperar Ansel me puxa para um abraço forte, quando percebi estava retribuindo e ficamos ali por muitos minutos.

— Desculpe por demorar tanto.

— Desculpe por não ter sido honesto, fiquei com medo de te magoar quando descobri quem de fato Luna era. Eu deveria ter te protegido e não gritado contigo.

— Vamos para casa, Cecília está louca para te conhecer.

Não demoramos nada para chegar no novo apartamento deles, um garoto loiro sai correndo de uns dos quartos com um labrador atrás dele latindo e abanando o rabo.

— Irmão, esse é o Andrés. – Ansel se abaixa e pega o garoto. – Filho, esse é seu tio Arthur.

Meu sobrinho era exatamente como nós quando tínhamos a idade dele. O moleque me observou com atenção e depois encarou o pai.

— Ele não papai? – Apontou para mim e meu irmão riu.

— Não filho, ele é seu tio e eu sou seu pai.

Sorri também. Mesmo tendo tantas diferenças como corte de cabelo, roupas, o garoto percebeu que temos o mesmo rosto.

— Oi amiguinho. – Andrés não respondeu.

— Ele mal fala português, Arthur. Tenta um portunhol para vê se vocês se entendem.

— Já deveria ter matriculado ele num curso de idiomas.

— Ele vai, cara. Ele é um Mastroiani, vai falar meu idioma.

Uma mulher delicada veio se arrastando de um dos quartos, apesar de abatida ela era muito bonita.

— Rei Arthur, Cecília minha esposa. Amor, meu irmão Arthur. – Ele colocou o

menino no chão e correu até a esposa para ajudá-la a caminhar.

A coisa parecia bem séria.

— É bom finalmente conhecê-lo. – Ela arriscou, mesmo com o sotaque carregado foi de uma pronúncia perfeita.

Apertamos as mãos e nos sentamos no sofá. Já passava das três da

manhã quando me instalei no quarto de hóspedes para dormir. Ansel foi verificar se estava tudo bem e me fez uma pergunta:

— Você sabe que Cecília está tendo uma gestação complicada, temos duas garotas vindo aí e sinceramente não posso perdê-las. Eu morreria. Então, o que te fez mudar de ideia sobre mim? Sobre nosso passado? Foi medo? Do que tem medo irmão?

— Eu não sei.

Não era a resposta que ele queria ouvir, ele queria que eu dissesse que tinha medo de perdê-lo. Isso jamais aconteceria.

Tínhamos o mesmo sangue. Eu o amava.

Ansel já estava na porta quando o interrompi.

— Eu te amo irmão. – Falei. – Desculpe se demorei tanto a entender o passado.

— Sabe que o filho não era meu, não sabe?

— Você nunca a tocou. – Eu sentia aquela verdade no meu peito só de olhá-lo nos olhos. – Só gostaria de saber se era meu.

— Não se torture, vamos aproveitar a família reunida. Ainda temos um ao outro.

Sorri, Valentina disse algo desse gênero para mim.

— Me disseram isso. – Comentei já me deitando.

— Quem disse isso a você? Tereza? – O sacana sorriu com amor por aquela cozinheira durona.

— Outra mulher.

— Hmmm conversa promissora. – O babaca jogou uma almofada em mim. – Trabalho com nomes. Espera aí... É dela que está com medo? É por isso que estava angustiado no telefone?

Ansel gargalhou.

— Está se apaixonando, Arthur? É disso que está com medo?

— Vá se ferrar e me deixe dormir.

— Preciso do nome da santa que está descongelando seu coração.

— Escuta – Encarei meu irmão. – Estou tentando esse lance de ser amigo da Valentina, ok? Não força a barra.

— Quê? Tina? A minha amiga Valentina? Neta dos nossos vizinhos?

— Ela é só minha amiga.

— Eu só era amiga do seu irmão e ele já fez três filhos em mim. – Minha cunhada apareceu no quarto atrás do marido e nem se deu ao trabalho de fingir que não estava ouvindo a conversa. – Seja lá o problema entre vocês dois é

melhor resolver antes que apareça um Alessandro na vida dela.

Não entendi a referência ao tal Alessandro, mas pela cara de poucos amigos de Ansel deu para deduzir.

— Tinha que trazer o nome daquele riquinho de merda na conversa, amor?

— Ué, e estou mentindo?

— Vem, vamos deixá-lo dormir. – Contrariado, Ansel se foi e levou a adorável e serelepe da minha cunhada com ele.

Formavam um bom par.

Um par.

A vontade de telefonar para Valentina e contar sobre o grande progresso de estar com meu irmão era grande, dividir com ela aquele momento parecia certo.

Peguei o celular para enviar uma mensagem, mas desisti no instante em que visualizei seu nome da minha lista de contatos. Eu precisava dar um tempo para gente. Eu estava me confundindo e iludindo a mulher.

— Grande babaca eu sou.

Joguei o travesseiro sobre o rosto e tentei dormir.

— Bom dia! – Meu irmão empurrou uma caneca fumegante de café. – Meio amargo ainda é seu favorito?

— É. – Respondi de má vontade. Me remexi na cama e percebi que tinha plateia, meu sobrinho curioso e o cachorro estabanado. – Algum problema com sua mulher?

Ele sorriu abertamente e eu não me lembrava da última vez que vi aquele sorriso.

— Ela sugeriu que tivéssemos um momento só nosso, mas não quero deixar ela só. Essa história de deslocamento de placenta e essa coisa de colo aberto, seja o que for me deixa doido.

Ansel estava sério de repente, pegou o moleque loiro no colo e o beijou na testa.

— Aquela mulher, nossos filhos, você, são tudo o que prezo nessa vida. Treze anos

sem você e com essa mágoa me comendo por dentro foi um castigo por um crime que nunca cometi.

— Eu sei, me desculpe. Perdi a cabeça na época. – Me sentei na cama e bebi o café. Aquele selvagem ainda sabia como fazer meu café. – Temos muitas

merdas para falar e acho uma boa trocar café por vinho e alguns petiscos. Podemos ficar aqui mesmo, assim não precisará deixar sua esposa só.

— Vou deixá-lo tomar um banho, são quase dez da manhã e encomendei comida brasileira então trate de esquecer suas merdas refinadas.

Após o banho chequei meus e-mails e trabalhei um pouco mesmo que por celular.

Não podia evitar pensar nela, mas fomos bem claros na última conversa.

Uma babá ficou responsável por Andrés e o cachorro, Cecília ficou no quarto com vários livros para ler e Ansel e eu nos espalhamos pela sala vendo futebol e colocando a última década em dia.

— Você e Valentina, hein? Finalmente olhou para pessoa certa. – Ele ergueu a cerveja e tilintou contra a minha garrafa.

— Não é o que pensa.

— Então explica para mim.

— É complicado. – Dei de ombros. – É melhor tentarmos sermos amigos apenas.

— Ela nunca quis ser só sua amiga. Como se reencontraram?

— Ela meio que caiu de paraquedas na minha vida. Sabia que tio Martín deu a Lola para ela? Foi incrível sentir o vento na cara, acelerar nas pistas. Eu, desde que enterrei Luna não pilotei mais e andar na garupa ainda é muito bom.

Abri um sorriso largo e nem percebi até que Ansel jogou um amendoim.

— Que cara de bobo é essa? Valentina fez você pilotar outra vez?

— E me fez vir até aqui. – Admiti. – Era isso ou remoer nossa última briga.

— Espera, vocês brigaram? Tipo, coisa de casal?

O brilho nos olhos e o sorriso escroto no rosto do meu irmão indicava o quão ferrado eu estava.

— Eu amo aquela tampinha! – Ansel gargalhou.

— Corremos antes de engatinhar e agora fico pensando nela, nas brigas, no tipo de amigo que quero ser para ela... Só que essa merda toda explode bem na minha cara quando lembro de como nós... Sabe? Encaixou.

— Encaixou? – Quase sussurrou de tão empolgada. Parecia uma adolescente. – O beijo? O sexo? Case-se com ela! Ninguém mais vai fazer você ficar assim de novo. Sério, eu amo aquela baixinha ainda mais.

Ansel era um grande filho da mãe.

— Eu ouvi isso, Ansel! – Cecília gritou do quarto.

— Desculpa amor! Você entendeu errado, volta para seu livro aí!

Eles eram hilariantes e incríveis juntos.

— Devo mandar mensagem? Só para saber se ainda somos amigos? – Perguntei bebendo um pouco mais da cerveja artesanal.

— Olha, se você se importa com a fato de estarem brigados e se ela te fez tão bem a ponto de te fazer vir até o Brasil recuperar o nosso tempo perdido e se você sente falta dela é burrice sua não ter mandado uma mensagem de bom dia ou perguntado se ela está tendo um bom dia de trabalho. Sei lá, surpreende com um jantar legal ou mande flores.

— Ela está esperando uma atitude legal da sua parte, Arthur! Deixe de ser idiota e vá atrás dela antes que outro faça isso! – Cecília gritou.

— Mulher, para se ficar ouvindo nossas conversas! – Ansel ralhou de brincadeira.

– E se você mencionar um certo italiano nessa conversa eu vou dormir na casinha do Kowalski até Antonieta e Joaquina nascerem!

Wow.

— Ansel Mastroiani, as gêmeas não terão esses nomes de gente velha! – Gritou em resposta.

Eu gargalhei daquela cena idiotamente hilária, eu queria aquilo.

— Vocês se amam muito.

— Você não imagina o quanto!

Uma Cecília corada e descalça usando um vestido de grávida apareceu no corredor com passos lentos, o olhar preocupado e amoroso do meu irmão caiu sobre ela e magia aconteceu ali. Eu podia ver os corações voando pela sala.

— Sente-se aqui, amor. – Ansel ajudou-a a se sentar na poltrona gigante e deixou a tevê no mudo.

— Arthur, sou mulher. Vou te ajudar, se você foi babaca com ela peça desculpas todos os dias até ela ceder. Se você não sabe o que sente é melhor refletir antes de agir, não se iludam e nem se machuquem. Se quer ser amigo dela, aja como um. Amigos se telefonam, amigos ajudam na limpeza da casa, fazem favores sem esperar nada em troca.

Chame-a para irem ver um filme, andem de moto juntos se é o que gostam de fazer.

— Motocicleta. – Corrigimos imediatamente Cecília que revirou os olhos.

— Tudo bem. Vou corrigir os erros. – Agradei e presenciei um gesto de amor onde

meu irmão massageava os pés da minha cunhada, paparicando com carinho a mulher e as gêmeas.

— Gêmeas, hein? – mudei de assunto.

— Cecília é católica e se recusou a dar esse título a outra pessoa que não fosse você irmão.

— Título?

— Quer ser padrinho do Andrés?

Eu não sabia o que dizer.

— Tem certeza?

— Temos. – Agora foi a vez de eles falarem em uníssono.

— É claro que aceito.

Meu irmão veio me abraçar aqueles abraços demorados e cheios de significados. Pensei que fossemos discutir até a exaustão para fazer as pazes, mas no instante que baixei as armas a reconciliação foi quase imediata.

Ao longo do dia demos risadas, contamos piadas, tirei sarro sobre o tal Alessandro quase ter roubado a mulher dele e no meio da diversão meu telefone vibrou.

Era ela. Valentina.

Capítulo Sete

Não me importei em ler a mensagem ali mesmo, estava surpreso que após três dias ela tenha tomado a iniciativa. Foi mais corajosa que eu na verdade.

“Tereza me disse que fez as pazes com Ansel, você não imagina o quanto ela está feliz.”

Respondi imediatamente: “Você e Tereza insistentemente disseram-me para fazer isso. Eu finalmente fiz.”

Logo ela respondeu.

“Não imaginei que fosse fazer o que sugeri, ainda bem que não te mandei pular da ponte.”

— Pela cara de idiota só pode ser a Tina. – Ansel revirou os olhos.

— Cala a boca. – Cecília me defendeu. – Você também ficava assim quando começamos a ser amigos e piorou quando estávamos recém-casados.

— Impossível!

— Amor, você mandava SMS estando sentado ao meu lado no sofá.

Estava adorando saber que o meu irmão era o idiota que sempre disse que não seria por causa de uma mulher. Mas não me desconcentrei da minha conversa.

“Amigos?”

“Amigos!”

— Ela ainda quer ser minha amiga. Isso é estranho depois de tudo?

— Não. – Responderam juntos. Isso as vezes era assustador.

Ao longo dos dias, meu sobrinho passou a confiar em mim, até tentamos algum tipo de dialeto único, mas mesmo com a barreira da língua nos entendemos muito bem no quesito motocicletas... Bem, no caso de Andrés um belo velocípede vermelho e azul. O moleque já mostrava amor pela coisa e, com certeza, terá meu apoio quando comprar a própria motocicleta.

Eu seria para Andrés o que tio Martín foi para mim e meu irmão.

Eu estava lendo, tentando na verdade, um livro infantil para o garoto antes de ir dormir. Ele cochilou antes da página cinco. Tirei uma foto nossa e enviei para Valentina, pedi que mostrasse para Tereza.

“Ele é uma criança maravilhosa, a mãe está sabendo como criá-lo.”

Cinco minutos depois ela respondeu.

“Sempre soube dessa casca.”

“?”

“Sua fachada rude. Te faltava amor e agora você tem até um sobrinho que te ama. Não sei quem é mais fofo nessa foto.”

“Não me faltava amor, eu me negava a receber e eu agora entendo a diferença. Mudando de assunto, como foi seu dia? Amigos perguntam dessas coisas, não é?”

“Foi maravilhoso, consegui um emprego fixo!”

“Fico feliz. Aproveitando quero te convidar para o coquetel de inauguração do resort em dez dias. Onde você vai morar? Posso te pegar de carro.”

“Veremos se merece saber onde moro... Talvez eu vá ao seu coquetel se gente chique.”

Isso foi um flerte?

“Te pego às 17h, próxima sexta-feira e não se atrase.”

“Haha não disse onde estou morando, como pretende me achar?”

“Vou te achar pelo cheiro.” Eu não esqueci do teu cheiro.

Amiga.

— Hora de dizer adeus, Arthur. — Cecília segurava a barriga como se fosse um tesouro. Me aproximei e abracei minha cunhada. — Você faz muito bem ao seu irmão, nunca o tinha visto tão radiante, tão completo como agora.

— Eu sei, me sinto igual. — Falei tão baixo quanto ela.

— Seja lá o que aconteceu entre vocês dois, enterra e siga em frente. E se for tentar algo como o que eu e ele temos que seja com essa amiga. — A danada piscou e se afastou. — Seu irmão disse que ela é uma boa pessoa, exatamente o tipo de pessoa que você merece. E daí que você só a enxergou de verdade agora? Não é tarde demais, só depende de vocês.

— Está bem.

Encaro um irmão desconfiado.

— O que você fazia agarrado na minha mulher? E fofocando como duas velhas.

Que feio, que feio meu irmão!

Ansel me abraçou forte e disse muito mesmo não dizendo nada.

“Se cuida”

“Não se afaste de novo.”

“Seja feliz.”

“Eu amo você idiota.”

— Também amo você idiota. — Respondi me afastando dele.

— Como sabe que eu pensei isso?

Revirei os olhos. Esse lance de gêmeos que sentem o que o outro sente é quase verdade. Quase.

— Cuida do meu afilhado. — Apertei o garotinho nos braços, sentiria saudades dele.

— Tchau, Andrés. Cuide das suas irmãs por todos nós.

O movimento no aeroporto era tranquilo, vi meu irmão e sua família ficando para trás a cada passo que eu dava para o portão de embarque. Faltavam três dias para a grande inauguração e eu só pensava em revê-la. Saquei o celular e digitei uma mensagem:

“Estou voltando para casa. Estou com saudades... espero que isso seja coisa de amigos porque é verdade. Podemos conversar sobre a viagem?”

Ela não respondeu. Precisei desligar o aparelho sem uma resposta. Aquilo era um mal sinal? Aquilo deveria significar alguma coisa?

Voltei para Montevideu ainda sem resposta de Valentina. Eu estava ansioso no trabalho, tudo tinha que sair perfeito, mas esse distanciamento dela estava me deixando frustrado.

O que eu fiz de errado agora?

Na hora do almoço optei por ir a um restaurante grego que particularmente eu odiava, mas ia só para ver as pessoas e as paisagens da Grécia retratadas nos vitrais. Era um almoço solitário até eu perceber uma risada familiar.

Valentina.

Ela estava com um homem, muito próximos eu diria. Próximos até demais e eu me senti incomodado. Ela não tinha tempo para retornar minhas mensagens, mas tinha tempo para sorrir e até gargalhar em um restaurante sofisticado ao lado de outro homem?

E por falar em sofisticação, ela estava linda usando um terninho creme, calça do mesmo tecido e cor até o tornozelo. Calçava um belo par de saltos e uma bolsinha a tira colo. Os cabelos e os olhos continuavam sendo os meus favoritos. Olhos avelãs sempre marcados por um delineador e os cabelos ondulados elegantemente penteados.

Chamei o garçom e pedi que enviasse uma taça de vinho, o da minha vinícola obviamente. Assisti de longe ela ficar confusa e seu acompanhante fechar o semblante. Quando finalmente me notou ficou confusa e depois resolutiva. Levantou e veio caminhando com classe e

muita determinação no olhar.

— Olha quem voltou. — Ela disse.

— Olha quem não responde minhas mensagens.

A expressão brincalhona deu espaço a uma culpada.

— Eu perdi meu celular.

— Algum problema aqui? — O tal que estava com ela apareceu para nos interromper.

— Não da minha parte. — Respondi tranquilamente.

— Arthur, este é meu chefe Arturo. Chefe, este é meu amigo Arthur.

— Muito prazer. — Respondeu e logo pôs a mão no cotovelo de Valentina para fazê-la se apressar e também para me mostrar posse. — Temos que ir.

— Um minuto e já te encontro lá fora. — Valentina o dispensou. — Preciso de um minutinho apenas.

Posso fazer muita coisa em um minuto.

Quando o babaca sumiu de vista ela se sentou diante de mim.

— Está com raiva de mim?

— Realmente perdeu o celular?

— Banheiro feminino do barzinho.

— Então estamos bem. — Respondi segurando sua mão sobre a mesa. - Estamos bem?

— Ainda somos amigos? — Ela questionou e eu assenti. — Conheceu alguma mulher no Brasil?

Vi um lampejo de insegurança nela.

— Minha cunhada é uma pessoa adorável e maluca. — Rimos. — Quer jantar comigo amanhã? Aí conversamos sobre o resort, sobre os chalés, sobre meu irmão e a família que está construindo.

E sobre nós. Por favor, diga sim.

Ela pegou um guardanapo e rabiscou algo.

— Aluguei um quarto nessa pensão, sabe como é. Eu voltei para o país tem pouco tempo, tive um contratempo com um vizinho sobre a cerca da minha casa velha... Essas coisas.

Sorri e peguei o papel.

— Compre um telefone. — Disse me pondo de pé. — Não dá para conversar por bilhetes de guardanapos de papel toda vida.

— Ogro.

Ela sorriu.

— Debochada.

Sorri e lhe beijei no rosto e por um milésimo de segundo quase mudei de ideia só para lhe dar um beijo de verdade.

— Esteja pronta as 18h30.

— Devo me vestir como? Chique? Jeans e camiseta?

Ah esse sorriso debochado... — Como preferir.

Ela assentiu e se foi. Voltar para minha casa foi mais tranquilo depois de uma tarde de trabalho mais produtiva, saber que estava tudo bem entre a gente era bom e de alguma forma me ajudava a manter o foco.

Em vez de ir buscá-la preferi enviar um motorista com um bilhete meu em um carro alugado. Eu ficaria exatamente aqui a sua espera.

Madruguei no resort para me certificar que tudo estivesse finalmente no lugar antes da inauguração no dia seguinte, aproveitei para repassar os planos: surpreender Valentina com o motorista, trazê-la ao meu hotel e recepcioná-la com flores, jantar, conversar sobre tudo. Ser amigos.

Obviamente o hotel estava vazio de funcionários, então quando as portas de vidro se abriram e revelaram uma Valentina usando sapatilhas vermelhas discretas, um vestido também vermelho e de alças finas, simples, na altura do joelho com um discreto decote, porém atraente e o cabelo antes ondulado e agora completamente liso e jogado de um único lado sobre o ombro esquerdo para mim foi como se uma orquestra estivesse tocando ao nosso redor.

Valentina sorriu apesar de visivelmente desconfiada. Peguei o buquê de Astromélias coloridas e aguardei pacientemente seus passos até chegar diante de mim.

— Para você. – Ofereci.

Encantada, ela recebeu as flores.

— O que está aprontando?

— Por que eu aprontaria?

— Motorista, flores, jantar exclusivo antes da inauguração do hotel... Ou está querendo me seduzir ou pedir perdão.

Prefiro a primeira opção.

— E não posso deixar de notar como sempre está elegantemente bem-vestido.

— Ora, obrigado. Você também está lindamente bem-vestida. Gosto quando me surpreende, por exemplo: nos reencontramos e você usava jeans, camisa do Hard Rock Café e coturno, quando nos vimos no restaurante estava

elegantíssima e agora está tão... tão... não sei se a palavra seria romântica. Eu não entendo de conceitos de moda, eu entendo de gostar ou não e eu definitivamente gosto do que vejo.

— Uau. Acho que quer me seduzir e não vai usar balas de pequeno calibre.

— Minha artilharia é pesada... Tina.

— Ahh eu odiava quando Ansel me chamava assim. – Ela fez uma pequena careta.

– Como foi a viagem?

— Vamos para a cobertura, jantaremos lá.

Fechei as portas principais do hotel e rumamos até o elevador, ela parecia confortável e brincalhona. Não economizou em brincadeiras e piadas até chegarmos ao último andar. Providenciei que ele fosse apenas para meu uso pessoal, mesmo tendo uma casa achei interessante ter um andar só para mim, elevador privativo, piscina, varanda. De lá tinha vista panorâmica da praia, privacidade e conforto.

— Nossa, essa é sua casa nova?

— Com toda certeza. – Respondi orgulhoso, todo o apartamento era requintado, sofisticado e prático. – Os clientes vão pensar “nossa! Quem é o cara que mora na cobertura?” sabe como é, um pouco de luxo não faz mal a ninguém. – Brinquei oferecendo a cadeira para que se sentasse.

Nossa mesa estava posta na varanda, champanhe, frutos do mar, algumas frutas. O ambiente estava completamente iluminado para não dá a má impressão que a trouxe aqui para ter sexo. Claro que não fecharia essa porta ainda, se ela quisesse e a noite nos conduzisse a tal ato aproveitaríamos. Se ela não desse brecha para o assunto eu manteria a conversa o mais distante possível deste tema.

— Falando sério agora, estou pensando em alugar minha casa e ficar permanentemente aqui.

— Vai facilitar a administração dos negócios e se você se sentir exausto pode vir para cá admirar o mar.

— Exatamente.

Servi o champanhe e depois o jantar enquanto conversávamos sobre a viagem, sobre a nova vida do meu irmão e até discutimos meus projetos para a vinícola.

Tudo ia muito bem até ela me encarar nos olhos e então despejar tudo.

— Já percebeu que desde que nos reencontramos estamos implicando um com o outro, as vezes receosos e sempre buscando no outro a certeza se ainda

somos amigos ou se estamos bem? Vou ser bem direta. Eu não sei se estamos bem ou se somos amigos. Amigos não desejam uns aos outros, não da forma como te desejo Arthur. Sei que da sua parte é mais um passatempo inofensivo, algo mais superficial. Comigo é diferente, eu sempre te quis. Vi uma oportunidade quando soube que você queria comprar a minha fazenda e fui movida pela curiosidade. – Ela bebeu mais um gole e me deixou chocado com tamanha sinceridade, então voltou a falar. – Queria saber o que aconteceu ao meu vizinho de infância por quem eu morria de amores desde os nove anos de idade, ele ainda seria o tipo de cara apaixonado pela vida, dedicado a mulher que conquistasse o seu coração? Quem é Arthur Mastroiani hoje? Porque o cara que conheci definitivamente está perdido entre o passado e o presente, então se eu quero ter o direito de seguir em frente e deixar essa coisa de amigos que estão bem de lado e partir para a mulher que sempre te amou e que está pedindo uma chance... Sério, o que eu preciso fazer? Nós não enganamos ninguém, Arthur. Essa merda de ser só amigos está fazendo a gente pisar em ovos, na primeira quase discussão eu te mandei para outro país e você foi, tudo bem que terminou sendo algo que eu insistiria que fizesse. Você e seu irmão merecem estar juntos, mas isso não vem ao caso agora. Eu quero você, sempre quis e quero ter a chance de te conquistar e fazer você feliz. A pergunta é: o que você quer?

Valentina atirou a queima roupa sem dó e nem piedade.

— Meus sentimentos por você não são tão rasos quanto pensa. Eu não te amo, ainda não, mas gosto de quem sou quando estou com você. Você me fez lembrar das coisas boas da minha adolescência, você me fez ver que o passado estava ferrando comigo e o preço além de relacionamentos vazios e frios eu estava perdendo minha família, a única que me restou.

— Então eu sou apenas uma amiga com benefícios? – Havia medo e decepção naquela pergunta.

— Não, você é mais e merece mais. Merece que eu te acorde no meio da noite para fazer amor com você, merece receber mil beijos e ouvir o quão especial você é. – Fiquei de pé e ofereci a mão como um cavalheiro que era, ela aceitou e então começamos a dançar mesmo sem música. – Não é exatamente difícil se apaixonar por você e eu realmente quero tentar ser quem você esperou por tanto tempo eu só não sei como não te decepcionar.

— Basta não trazer o nome ou a memória dela para nossa vida. Basta me respeitar como mulher, como amiga, como sua amante porque o resto sinceramente não dá para prever. Vamos vivendo e sentindo e deixando as coisas acontecerem. No final disso tudo seremos um casal ou não, mas ao menos você me deu aquilo pelo qual esperei.

— E se não der certo? – Perguntei inseguro.

Eu era a pessoa que deveria ter o coração protegido, eu era o mais frágil.

— Então vivemos a história que a vida escreveu para nós e eu não vou me arrepender. Então, o que me diz de tentar?

— Eu digo para que fique na minha vida pelo tempo que desejar ficar.

O sorriso que recebi foi arrebatador e o beijo que lhe dei foi o mais carnal, faminto e o mais revelador em muitos aspectos.

Eu estava reivindicando Valentina e ela estava se doando a mim.

Eu estava pedindo para que ela cuidasse de mim como eu sempre desejei cuidar de outro alguém.

Nos amamos na minha cama até o dia amanhecer, olhos nos olhos, mãos unidas e dedos entrelaçados. Foi íntimo, foi profundo. Duas almas se entregando, dois corpos famintos transbordando desejo e cumplicidade.

Era um começo e um recomeço de duas histórias que no final era uma só, sempre foi. Era a nossa história.

Epílogo

Lembro do dia em que a vi pela primeira vez. Como eu a odiei! Toda segura de si, debochada, usando uma camiseta do Hard Rock Cafe Cartagena, jeans surrado e botas tão grosseiras que mais pareciam botas de quem vai a guerra.

Agora olhando para essa mesma mulher suja de tinta pintando as paredes do quarto não me arrependo da nossa briga no trânsito.

Comecei a rir sozinho, não do fato dela precisar se esticar mesmo estando em cima do banco para pintar o alto da parede e sim de como as coisas chegaram naquele ponto.

— Do que está rindo? — Ela ficava maravilhosa quando sorria, beirava a meiguice o que era completamente diferente de quando ria porque parecia que estava sempre debochando.

— Nada. — Dei de ombros e voltei a pintar. A reforma não terminaria sozinha de qualquer forma.

Dei as costas para Valentina e continuei rindo sozinho, mas ela contrariada com o fato de que eu estava ignorando sua curiosidade não poupou esforços para me provocar.

— Fui a cidade com seu irmão ontem, ele é uma pessoa adorável. Nem parece que são gêmeos.

— Temos a mesma cara, não a mesma personalidade. — Rebatu. — Se ele é tão melhor que eu deveria ter escolhido ele... ah é, ele é casado.

Salpiquei um pouco de tinta nela só para provocá-la e no segundo seguinte estávamos no chão enrolados e perdidos em um beijo nem um pouco suave. Apertei seu corpo contra o meu sentindo cada pedacinho dela.

— Ele é adorável, mas é você quem eu quero.

— Bom saber, barbeira.

— Não sou barbeira no trânsito, você que é um babaca engomadinho que não sabe a diferença de um carro com defeito ou sem gasolina.

Os cabelos ondulados no tom mais bonito de castanhos que já vi se espalharam sobre seus ombros, os olhos avelãs eram doces apesar de o sorriso ser sedutoramente abusado.

— Obrigado. — Disse encarando seus olhos.

— Pelo que exatamente?

— Por me ajudar a existir de novo.

— Então, obrigada por devolver o meu lar. — Ela apontou para a casa

grande. – Agora se ficarmos nessa vamos acabar sem roupas, perdidos um no outro e temos um batizado ainda hoje e eu não posso ser uma madrinha suja de tinta e cheirando a suor e sexo. O que meu afilhado vai pensar de mim?

— Vai pensar que é muito sortudo por ter uma madrinha tão linda.

Ansel esperou Cecília receber autorização médica para viajar e vieram todos para Fazenda Santa Fé. Eles queriam que Manuela e Letícia nascessem aqui junto de Tereza, de mim, de Valentina, eles queriam dar a esta fazenda uma família, ser abrigo e morada – ser um lar de novo.

— Vai ser bom administrar os chalés. – Ela falou ainda me encarando. – Quando bater a saudade de você posso pilotar a Lola até a praia e podemos ficar juntos. E quando você cansar da praia pode dirigir seu carro devidamente abastecido até a vinícola e poderemos ficar aqui na minha casa velha e devidamente reformada.

— Ah é? E o que faríamos nessa casa velha devidamente reformada? – Questionei.

— Beber vinho, tirar a roupa e fazer amor aqui no chão, diante da minha lareira e será inesquecível.

— Gosto como pensa.

— Gosto quando age.

E mais uma vez éramos um homem e uma mulher descobrindo como era bom amar alguém e ser correspondido. O beijo foi sedutor, o toque foi sutil, fundir nossos corpos nus era quase uma sublime redenção.

Isso era fazer amor.

Table of Contents

[ÁGATHA FÉLIX](#)

[UMA HISTÓRIA DE AMOR E RECOMEÇO](#)

[Obrigada, Arthur.](#)

[Capítulo Um](#)

[03 de novembro de 2017](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Uruguai, 17/01/2005, 16 anos](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Epílogo](#)